

DURVAL PIRES DE LIMA

INVENTÁRIO *DE* LISBOA

Fascículo 12



Edição da
CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

ESTA OBRA, PLANEADA PELO DISTINTO
E SAUDOSO OLISIPÓGRAFO NORBERTO DE ARAÚJO,
PROSSEGUE DENTRO DO PLANO ESTABELECIDO
SOB A DIRECÇÃO DO DR. DURVAL PIRES DE LIMA,
TAMBÉM CONSAGRADO INVESTIGADOR OLISIPONENSE.

INVENTÁRIO
DE
LISBOA

ENCADOURAÇÃO
- Dez 1955

(M)

Q- 1735 [A.]

INVENTÁRIO DE LISBOA

POR

NORBERTO DE ARAÚJO
E
DURVAL PIRES DE LIMA

Fascículo XII



R. Riv. n.º 1502
R. 16365

C. M. L.
1 9 5 6

3

SUMÁRIO

Publicados :

FASCÍCULO I — **Monumentos nacionais** — Castelo, Sé, Jerónimos, Torre de Belém, S. Vicente, Basílica da Estrela, Aqueduto das Águas Livres.

FASCÍCULO II — **Sistemas defensivos** — Cerca Moura (século XII), Cerca de D. Fernando (século XIV), Defesas marítima e terrestre (século XVII), Campo Entrincheirado (século XIX).

FASCÍCULO III — **Paços e Palácios Nacionais** — Belém, Bemposta, Necessidades, Ajuda e Assembleia Nacional.

FASCÍCULO IV — **Outros palácios do património nacional** — Almada, Alvor, Calheta, Marialva (Belém), Niza, Ega, Burnay (Junqueira), Lavradio, Barbacena, Penafiel, Foz e Farrobo (Laranjeiras).

FASCÍCULO V — **Palácios municipais** — Távora-Galveias, Mitra, Paços do Concelho (referência) e Folgosa. — **Palácios particulares** — Casa dos Bicos, Palácios Almada-Carvalhais e Belmonte.

Integrado neste fascículo: **Casas da Câmara de Lisboa**, por Luís Pastor de Macedo e Norberto de Araújo (estudo histórico, volume especial).

FASCÍCULO VI — **Palácios particulares** (continuação) — Azambuja, Fronteira, Abrantes, Arcos, Azevedo Coutinhos, Pombal, Flor da Murta, Olhão-Castro Marim, Óbidos, Figueira, Redondo.

FASCÍCULO VII — **Palácios particulares** (continuação) — Sabugosa, Azurara, Rosa, Mitelo, Tancos, Anadia, Calhariz, Ribeira, Valadares, Vagos.

FASCÍCULO VIII — **Palácios particulares** (continuação) — Copeiros-Mores, Águias, Lázaro Leitão, Galvões Mexias, Ludovice, Lafões, Guiões, Quintela, Praia e José Maria Eugénio.

FASCÍCULO IX — **Palácios particulares** (continuação) — Alvito, Teles de Meneses, S. Martinho, Mesquitela, Alarcão, Alcáçovas, Carnide, Pombeiro, Teles de Melo, Marim-Olhão, Ferreira Pinto, Palmela.

FASCÍCULO X — **Igrejas paroquiais** — S. Vicente (referência), S. Miguel, Santa Cruz do Castelo, Sé (referência), Santos, S. Nicolau, S. Tiago, S. Cristóvão, S. Domingos, Graça, Lumiar, Santo Estêvão, Olivais, Luz, Coleginho, Jerónimos (referência), Ameixoeira e S. Paulo.

FASCÍCULO XI — **Igrejas paroquiais** (continuação) — Penha, Jesus, Campo Grande, Santa Catarina, S. Sebastião da Pedreira, S. Bartolomeu, Sacramento, Charneca, Encarnação e Pena.

FASCÍCULO XII — **Igrejas paroquiais** (continuação) — Santa Engrácia, Santa Isabel, N. S.^a do Amparo, N. S.^a da Oliveira, N. S.^a da Ajuda, N. S.^a da Vitória, Mártires, Estrela (referência), S. Pedro em Alcântara, Coração de Jesus, S. Mamede, S. Jorge de Arroios, S. José, Santo António de Campolide, Anjos, N. S.^a de Fátima, Santo Condestável, S. João de Deus e S. João de Brito.

Sucessivamente :

Igrejas não paroquiais, capelas e ermidas. (Seguir a ordenação exposta na folha-sumário do fascículo I).

IGREJAS PAROQUIAIS

(CONTINUAÇÃO)

Séculos XVIII a XX

IGREJA DE SANTA ENGRÁCIA
IGREJA DE SANTA ISABEL
IGREJA DE NOSSA SENHORA DO AMPARO
ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA OLIVEIRA
IGREJA DE NOSSA SENHORA DA AJUDA
ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA VITÓRIA
IGREJA DOS MÁRTIRES
IGREJA DA ESTRELA
IGREJA DE S. PEDRO EM ALCÂNTARA
IGREJA DO CORAÇÃO DE JESUS
IGREJA DE S. MAMEDE
IGREJA DE S. JORGE DE ARROIOS
IGREJA DE S. JOSÉ
IGREJA DE CAMPOLIDE
IGREJA DOS ANJOS
IGREJA DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA
IGREJA DO SANTO CONDESTÁVEL
IGREJA DE S. JOÃO DE DEUS
IGREJA DE S. JOÃO DE BRITO

A ordem cronológica por que são apresentadas as várias paroquiais nem sempre pode ser rigorosa; a incerteza das datas de fundação tal não permite. Pertencem ao continuador de Norberto de Araújo os artigos sobre as igrejas de Benfica, Nossa Senhora da Oliveira, Nossa Senhora da Vitória, Coração de Jesus, S. José, Santo António de Campolide, Santo Condestável, S. João de Deus e S. João de Brito, e algumas alterações e desenvolvimentos ao restante do texto.

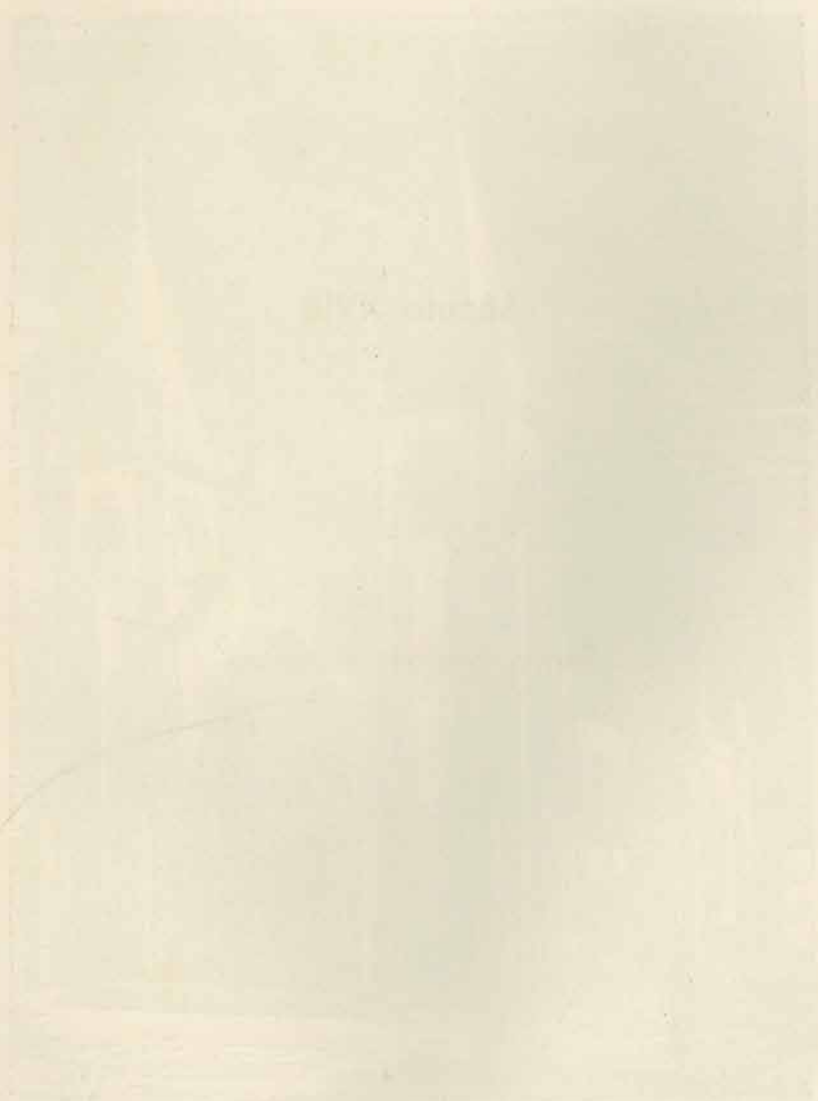
IGREJAS PAROQUIAIS

(CONTINUAÇÃO)



IGREJAS PAROQUIAIS

de São Paulo



IGREJA DE SANTA ENGRÁCIA

Século XVIII

Fundação	1720
Amplios restauros.	1896
Paróquia	1568

[Freguesia civil de Santa Engrácia]

Breve notícia histórica

A igreja de Santa Engrácia, na calçada dos Barbadinhos, é uma edificação de 1720 a 1739, em terrenos cedidos por D. João V para o convento dos Barbadinhos italianos de Nossa Senhora da Porciúncula ou dos Anjos, congregação autorizada em 1686 e que se instalara em 1689 em casas junto à ermida de Nossa Senhora do Paraíso, na Cruz da Pedra, caminho de Xabregas.

A paróquia de Santa Engrácia foi fundada em Agosto de 1568, tempo do arcebispo D. Jorge de Almeida, pela Infanta D. Maria, filha de D. Manuel, em área desanexada da de Santo Estêvão, e instalou-se num templo próprio no Campo de Santa Clara, concluído em 1578. Em 15 de Janeiro de 1630 produziu-se na igreja, sede paroquial, o conhecido desacato que levou ao suplício um Simão Pires Solis, começando depois a erguer-se no mesmo local um novo templo, magestoso, cuja cúpula ruíu, iniciando-se a construção de um terceiro templo em 1682, e que nunca mais se acabou. A freguesia instalara-se entretanto, em 1631, na ermida de Nossa Senhora do Paraíso, ao cimo desta rua, e ali se conservou até 5 de Abril de 1835, dia em que foi ocupar a igreja dos Religiosos Barbadinhos, que pela extinção das Ordens haviam deixado o país. A cerca do convento, que era vasta, foi retalhada, e uma parte dela destinada ao reservatório da Companhia das Aguas, chamado dos Barbadinhos.

A igreja de Santa Engrácia recebeu em 1896 grandes reparações, estando encerrada uns tantos meses e reabrindo em 30 de Junho.

INVENTÁRIO

A igreja de Santa Engrácia, situada ao fundo de um vasto adro, fechado por gradaria, orientada a Poente, é no seu Exterior simples, mas expressiva da fundação conventual.

Exterior

Assinala-se:

a *imagem*, de pedra, de Nossa Senhora da Porciuncula, com o Menino;

A **Frontaria**, e nela:

O *corpo central*, rematado por empena de bico, com três *portões*, em arco, gradeados, que abrem para a curta galilé; uma grande *pedra de armas* reais, de D. João V, sobre a verga do arco central; três janelas iluminantes, vulgares; um grande nicho, emoldurado, situado superiormente ao centro da frontaria, e dentro do qual se contem

Os *corpos laterais*, abatidos de nível no prolongamento da empena, e sobre um dos quais, a Norte, se eleva a *torre*, construção do século passado, em cantaria, com quatro ventanas. (Para Sul da frontaria prolonga-se o que resta do edificio conventual).

A **Galilé**, com três tramos de abobadilha, na qual se abre a única porta da igreja.

Interior

A igreja de Santa Engrácia, no seu Interior, oferece a particularidade, única em Lisboa, de ausência de dourados em talha ou pintura, tão comuns no século XVIII, caracterizando-se pela austeridade do ambiente, pois todos os altares, de magnífica marcenaria, são em madeira negra do Brasil.

Anota-se:

O **Corpo da igreja**, em nave única, e nele:

O *tecto*, em estuque, com ornatos a tempera, obra do restauro do século passado, com uma pintura central que representa Nossa Senhora da Conceição, rodeada de anjos;

O *coro*, recuado e pequeno, com teia de madeira de avental sem recortes;

Quatro *capelas*, duas por cada lado, com arco de cantaria, reentrantes e com

teia de madeira trabalhada, e cujos altares, em boa madeira como ficou dito, têm por fundo camarim com *oratório* envidraçado, rematado por espaldar com uma pintura central; discriminam-se nas invocações antigas: de Nossa Senhora da Esperança e de S. José, do lado esquerdo; de Senhor Jesus dos Mercadores com Nossa Senhora das Dores e do Senhor da Via Sacra e Almas, do lado direito, tendo esta sobre a banqueta do altar uma tela, envidraçada, representando Nossa Senhora (da Soledade?) em tudo idêntica a uma da capela da Piedade, em S. Roque, de Bento Coelho da Silveira;

IGREJA DE SANTA ENGRÁCIA



Frontaria

IGREJA DE SANTA ENGRÁCIA



Altar-mor e retábulo de madeira negra do Brasil

IGREJA DE SANTA ENGRÁCIA



Santo António Barbadinho

IGREJA DE SANTA ENGRÁCIA



Busto-relicário, quinhentista, de Santa Engrácia

Um *púlpito*, entre as capelas do lado esquerdo, em boa madeira trabalhada de lances;

Um pequeno *altar*, cavado na parede, no intervalo das capelas do lado direito, com a imagem do Senhor dos Passos;

Grande *misula* com espaldar e sobreceu também de madeira negra, colocada superiormente ao altar dos Passos, na qual se ostenta o histórico *busto*, de prata, de *Santa Engrácia*, mandado fazer, em 1595, por disposição testamentária do arcebispo D. Miguel de Castro, o qual conserva as relíquias daquela Santa, oferecidas em 1577 pela Infanta D. Maria, a instâncias da qual a paróquia foi criada;

Duas pequenas *capelas* situadas aos lados do guarda-vento, sendo a da direita da antiga invocação do Nascimento, e que é desde 1835 baptistério, e, a da esquerda, de Santa Margarida de Cortona.

A *Capela-mor*, e nela:

O *tecto*, em estuque com ornatos a tèmpera;

O *altar-mor*, grande peça de madeira negra, e nele: o *retábulo* de fundo, representando Nossa Senhora da Conceição, rodeada de anjos; um magnífico *sacrário*, também de madeira do Brasil; as imagens de Santa Engrácia e de Santo António (vestido de «menino de coro») sobre peanhas;

Duas capelas de topo, ao lado da capela-mor, rematadas por *nichos de madeira*, em espaldar, com guarnição de relicários, contendo as imagens de S. Francisco e de Santo António, este representado com barba (iconografia da Ordem dos Barbadinhos);

Dois *quadros* nas paredes, um de cada lado, pintura do princípio do século XVIII, representando o «Casamento de Nossa Senhora» e a «Apresentação do Menino no Templo», telas provenientes da antiga igreja de Santa Marta (André Gonçalves? António Sapeira?).

(Na igreja e na sacristia de Santa Engrácia as imagens são quase todas antigas, algumas de boa escultura, quer as pequenas quer as de grande vulto).



IGREJA DE SANTA ISABEL

Século XVIII

Fundação	1742
Restauros	1875
Paróquia	1742

[Freguesia civil de Santa Isabel]

Breve notícia histórica

A igreja de Santa Isabel é uma edificação setecentista, cujas obras começaram em 1742 e se prolongaram durante alguns anos ainda depois do Terramoto, que não causou no templo, em construção, estrago algum. Pode dizer-se que Santa Isabel, à parte a frontaria, completada em 1875, e a despeito dos restauros daquele ano, se encontra sensivelmente como foi erguida.

A paróquia abrangendo, no sítio então chamado, por extensão, «Campolide», as áreas desanexas das freguesias de S. José, Santa Catarina, S. Sebastião da Pedreira e Santos-o-Velho, fora criada em Maio de 1741, instalando-se na ermida de Santo Ambrósio, de construção recente, situada perto do convento das Trinas do Rato, na calçadinha que se chamou depois rua do Visconde de Santo Ambrósio e é hoje a rua D. Dinis. A paróquia fixou-se na sua sede em Dezembro de 1755, definitiva ou transitória, porque em 1763 ainda é dada, por um escritor, como a funcionar na ermida de Santo Ambrósio.

O Patriarca D. Tomás de Almeida não se limitou a criar a paróquia; contribuiu com haveres seus para as obras do templo, que não logrou ver terminadas, pois morreu em 1754.

Do seu território foram destacadas áreas para as paróquias da Lapa e S. Mamede (1770), e para a do Santo Condestável (1934).

INVENTÁRIO

A igreja de Santa Isabel não se distingue por um conjunto arquitectónico do tipo nobre setecentista, mas mostra certa grandeza na sua simplicidade.

Exterior

Quanto ao Exterior, assinala-se:

A **Fachada**, (1875), com um *corpo central*, levemente avançado dos dois corpos laterais, servido por um pequeno adro, acima do nível da rua, rodeado por cortina gradeada, e nela:

Três *portais* com ombreiras e vergas de cantaria, sendo o do centro mais largo e alto, com arquitrave em labores de pedra, e com

uma legenda em maiúsculas *Beatae Elisabeth Lusitaniae Reginae Feb. XXIV era DCCC LXXV*; duas janelas quadradas sobre os portais laterais, e três, de sacada, no plano superior, coroadas de ática, sendo a do centro, rematada por arco, mais alta e larga; o *tímpano* com um óculo iluminante; duas *torres* com mostrador de relógio, ventanas e grimpas ornadas de fogareus, assentes sobre os corpos laterais da frontaria (até 1875 existiu apenas a torre sul).

Interior

No Interior do templo assinala-se:

O **Corpo da igreja**, em nave única e sem transepto, com revestimento de estuque bruido imitando mármore, guarnição de pilastras e cornija de cantaria, e nele:

O *tecto*, abaulado, coberto de pintura larga e confusa, muito estragada, no qual se distingue entre nuvens e anjos a *assunção da Rainha Santa Isabel*;

O *coro*, apoiado em três arcadas sustentadas por pilastras;

Dez *capelas*, quatro de cada lado e duas nos topos, notando-se que a antiga do *Santíssimo*, que é a quarta do lado da Epístola, reentrante, constitui uma capela independente, revestida nas paredes e no tecto, em estuque, de pinturas a claro-escuro e ornatos, e cujo corpo se prolonga, exterior-

mente, da planta regular do edifício. Estas capelas, com arco de cantaria, têm no fundo do altar um *retábulo*, excepto, presentemente, a quarta do lado esquerdo, fronteira à do Santíssimo. Podem identificar-se quase todos: a começar pelo lado esquerdo, Sant'Ana, de Roque Vicente, S. Miguel, de Domingos Rosa, Nossa Senhora do Monte do Carmo, de autor desconhecido. Saltando a capela que não mostra retábulo, o de Nossa Senhora da Conceição, de Joaquim Manuel da Rocha, ao topo. Pelo lado direito, S. Gonçalo, de Bernardo Foix, S. Sebastião, de Bruno José do Vale, cópia de Dominicheiro, Santo António, por Roque Vicente, retocado por Pedro Alexandrino, «A Ceia», por Peregrino Parodi, na capela antiga do Santíssimo, e o «Nascimento de Menino Jesus», por Roque Vicente ao topo;

Catorze *janelas* na altura superior, reentrantes, com balaustrada, seis de cada lado e duas nos topos.

A Capela-mor, e, nela:

O *arco* terminando por um remate arquitectónico e *brazão* decorativo, com elmo e paquife; o *tecto*, com dois tramos de abóbada de aresta, em estuque, com pinturas ornamentais de simbolismo religioso (1875); o *altar-mor*, em talha dourada do tipo do século XVIII com a imagem do orago, da época da fundação; duas janelas e duas tribunas por lado, com gelsias douradas; enquadramento de pilastras coríntias.

A *sacristia*, na qual se vê uma antiga imagem de Nossa Senhora da Piedade e um lavabo de mármore com a data de 1826. Num *corredor* lápide comemorativa da conclusão da igreja, em 1875; nas dependências algumas imagens setecentistas de aprêciável valor, pela escultura e pintura. Na capela do Santíssimo venera-se Santa Filomena cuja imagem possuiu um particular desde 1910 a 1953, tendo pertencido antes a uma congregação religiosa.



Santa Isabel — Frontaria

IGREJA DE SANTA ISABEL



Imagem seicentista de Santa Isabel

IGREJA DE SANTA ISABEL



Altar de S. Miguel com retábulo de Domingos Rosa
e imagem pintada e estofada do Século XVIII

IGREJA DE SANTA ISABEL



Nossa Senhora da Piedade

IGREJA DE BENFICA



Corpo central da fachada

IGREJA DE NOSSA SENHORA DO AMPARO

(PARÓQUIA DE BENFICA)

Século XVIII

Fundação	Anterior a 1755
Reedificação	Final do séc. XVIII
Restauros	1881-1882
Paróquia.	Antes de 1620

[Paróquia civil de Benfica]

Breve notícia histórica

A igreja paroquial de Nossa Senhora do Amparo, de Benfica, é uma edificação do século passado, embora começada no meiado do século XVIII. Com efeito por ocasião do Terramoto já se andava levantando «a igreja nova», cujos trabalhos realizados o cataclismo quase inteiramente destróu. A edificação ficou então suspensa, não se cuidando da conclusão dos trabalhos senão em 1802, o que se compreende, pois os encargos eram cobertos por esmolas, as quais na segunda metade do século XVIII deviam ser muito escassas.

A paróquia é, pelo menos, seiscentista, pois consta que existia em 1620, instalada em ermida ou igreja situada no local onde se ergueu o templo actual, a Sul da capela-mor, sobre o chamado «Adro da Igreja», e a qual se conservava de pé, como reliquia, ainda em 1863. Esse templo, se não outro mais antigo ainda, vinha pelo menos do final do século XIV, com a mesma invocação de Nossa Senhora do Amparo pois foi então doado ao mosteiro do Salvador, de Lisboa, pelo bispo do Porto D. João Esteves.

Em 1881 a igreja paroquial de Benfica foi objecto de largos restauros, e são dessa época as pinturas que o templo ostenta. O território da freguesia de Benfica foi encorporado no da cidade de Lisboa em Julho de 1885, mas a parte para além da estrada da Circunvalação passou para o Concelho de Oeiras, em 1895 foi anexada à freguesia de Belas e em 1898 à de Carnaxide.

INVENTÁRIO

Fica situada no fim da antiga estrada de Benfica, em plano elevado e voltada a Poente.

Exterior

Na igreja de Benfica há a assinalar, quanto ao Exterior:

A **Frontaria**, e nela:

O pequeno *adro*, sobre o nível da rua, servido por escadarias laterais, defendido por cortina abaulada de pedra;

O *corpo central* da fachada, com um *portal* de ombreiras de pedra trabalhada, com volutas, e adornado por frontão curvo tendo no tímpano escultura emblemática de um anjo, uma janela iluminante do coro e remate de tímpano triangular;

Os dois estreitos *corpos laterais* da fachada com duas janelas pequenas, gradeadas, e a *torre*, levantada à direita, com ventanas adornadas de varanda abalaustada, fogareus nos ângulos e grimpia superior;

As *portas* laterais, orientadas a Sul e a Norte, idênticas, coroadas de ática que sobrepõe uma grinalda decorativa;

As *trazeirãs* do templo, que mostram várias janelas gradeadas e o campanário pequeno, primitivo, da igreja antiga.

Interior

Na igreja, revestida em parte de mármore e cantaria, cortada de pilastras de ordem composita, de uma só nave, assinala-se:

O **Corpo da igreja**, e nele:

O *tecto*, em arco de cesto, revestido de estuque liso, com pinturas ornamentais geométricas (Pereira Júnior, 1881-1882);

O *coro*, apoiado sobre duas pilastras piramidais engrinaldadas no capitel, e tendo na base pias de água-benta, aconcheadas. Varanda de balaustres, ocupando todo o fundo do corpo da igreja, que, neste tramo, se reentra em meia coroa. (Nele grande imagem de Cristo crucificado, da invocação de «Rei-Salvador»).

As *capelas* laterais, três por cada lado, sendo a última, do lado esquerdo, no cruzeiro, a do Santíssimo, reentrante, e cada uma com seu retábulo, com excepção da última do lado direito (Nossa Senhora das Dores); esses *retábulos* (cópias?) representam S. Sebastião, S. Miguel, Santa Luzia, Santo António e a Ceia, e parecem ser pintura do século XVIII;

A **Capela-mor**, com tecto em arco de cesto, de estuque, pintura a claro-escuro de Pereira Júnior, duas mísulas com baldaquino. Tribunas com varanda por cada lado. Nela, o *altar-mor*, com frontal, banquetas, camarim e trono e colunas de guarnição, de mármore rosa.

A **Sacristia**, de tecto em estuque, com pintura ornamental, representando-se na pintura central S. João Baptista e nos medalhões dos ângulos deterioradas imagens sacras; e nela um *lavabo* monolítico de mármore, peça de rara beleza, com concha e espaldar constituído por um grande ramalhete de flores.

[Ailharga do templo, no antigo «Adro da Igreja», ergue-se um Cruzeiro, composto de cruz sobre coluna redonda de mármore, assente sobre uma base escultórica de pedra, com elementos simbólicos da Paixão e alegorias animais desgastadas pelo tempo, servido por dois degraus circulares; na base vê-se uma data (1911), correspondente a um restauro].



IGREJA DE BENFICA



Lavebo da Sacristia

IGREJA DE BENFICA

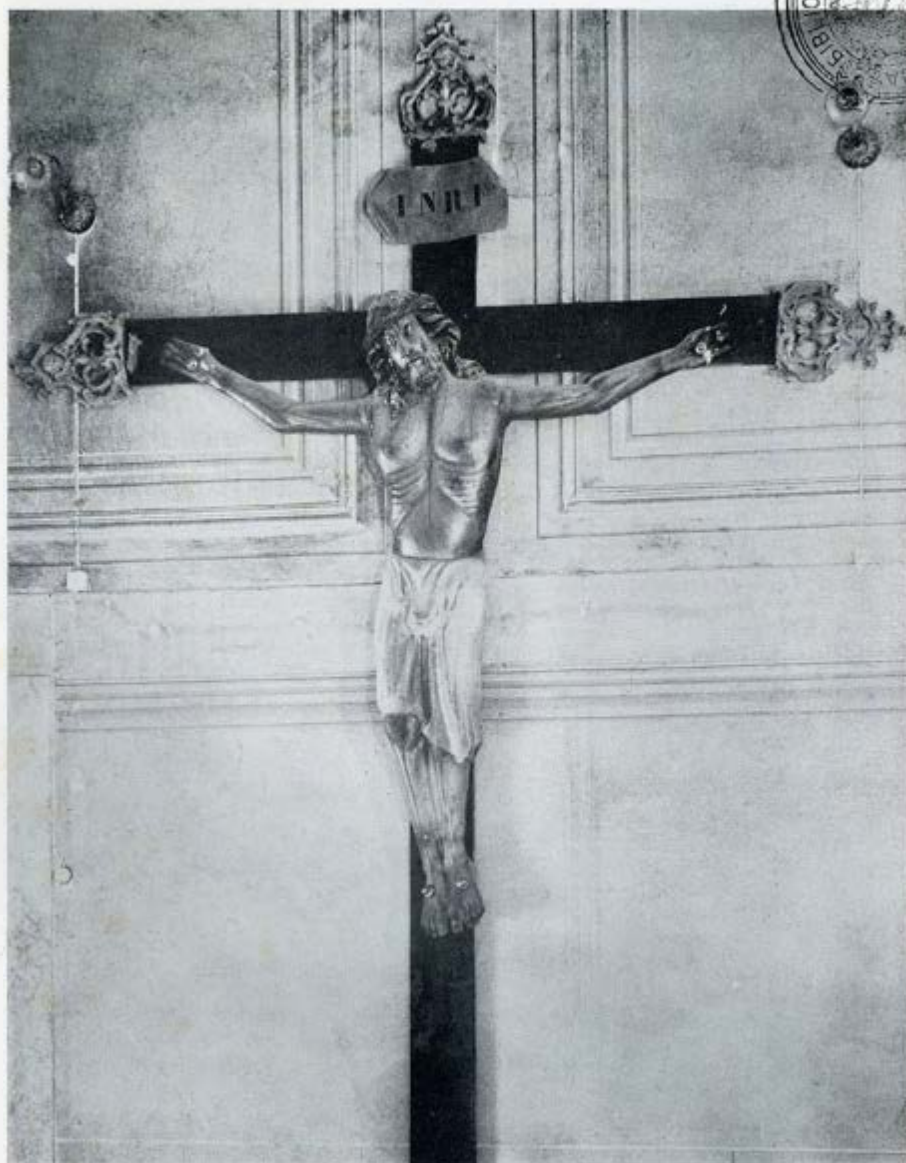


Imagem do Rei-Salvador

ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA OLIVEIRA

(PARÓQUIA DE S. JULIÃO)

Século XVIII

Construção Depois de 1755
Paróquia Entre 1200 e 1229

[Freguesia civil de S. Julião]

Breve notícia histórica

A sede da freguesia eclesiástica de S. Julião é a ermida de Nossa Senhora da Oliveira, ou Santa Maria da Oliveira, pequeno templo encravado num prédio da rua de S. Julião, entre as ruas do Ouro e Augusta. A primeira ermida parece ter sido edificada nos finais do séculos XIV, a expensas de Pedro Esteves e de sua mulher Clara Geraldês, em um chão dependente do adro da antiga igreja de S. Julião, que lhe ficava pelo Norte. O templo tinha a porta principal (lateral) para esse adro, e uma fronteira a Sul, que abria sobre a rua Nova dos Ferros. O épodo Oliveira é porém da segunda metade do século XIII. Ficou na dependência da paroquial de S. Julião até 1646, ano em que os Confeiteiros adquiriram chão e edificio, já arruinado, reedificando-o então, ou passados 40 anos, não se sabe ao certo. O Terramoto destruiu-o por completo, sendo a reconstrução, a cargo da corporação fabriqueira, feita no local aproximado donde estivera até o cataclismo e onde agora se situa.

Para esta ermida transitou em 1934 a sede da freguesia eclesiástica de S. Julião, ano esse em que a arquiconfraria proprietária do templo o entregou ao Banco de Portugal, para alargamento das suas instalações (a venda da paróquia verificara-se em 1933). O edificio eclesiástico, cuja demolição se suspendeu em 1943, era posterior ao Terramoto. Fora dado por concluído em 1802, mas um terrível incêndio (1816) impôs uma reconstrução quase integral (1824-1855). A edificação setecentista utilizara o terreno onde fora a Patriarcal joanina, ampliação da capela-real do Paço da Ribeira. Anteriormente S. Julião erguera-se em local hoje ocupado pelo quarteirão sul que esquina da rua da Conceição para a rua Augusta, assentando a capela-mor em toda a largura desta rua, entre as da Conceição e de S. Julião.

A freguesia de S. Julião vem dos tempos de D. Sancho I a D. Sancho II. É tradição haver nela nascido o papa João XXI, Pedro Julião ou Pedro Hispano, tão notável médico como filósofo.

INVENTÁRIO

A ermida da Oliveira, orientada a Sul, situa-se na rua de S. Julião, entre os n.ºs 140 e 142.

Exterior

Quanto ao Exterior há apenas a assinalar o **Portal** emoldurado de cantaria ornamental e tímpano, formado por três portas,

duas que dão ingresso ao guarda-vento, e outra, de serviço comum às dependências do templo e ao prédio.

Interior

O Interior é pobre, e de uma só nave. Merecem apenas referência:

No **Corpo** da ermida:

O *tecto*, em abóbada de arco com pintura representando a «Assunção», trabalho do século XVIII, decorativo, de autor desconhecido;

O *coro*, formando barriga e assentando lateralmente em pilastras amisuladas de madeira, pintada e dourada, em tronco de pirâmide quadrangular. Balaustrada de madeira, pintada e dourada, ao gosto da época da fundação;

O *púlpito* de gosto idêntico, trabalhado e dourado. As *paredes*, desde a entrada do arco, são decoradas no baixo por *painéis* de azulejo recortado, de boa execução, e

que se enumeram: da lado do Evangelho «Nascimento da Virgem», «Apresentação da Virgem no Templo»; «Casamento da Virgem»; do lado da Epístola «Fuga para o Egito», «Natal» e «Anunciação».

Na **Capela-mor**, com altar de frontal de madeira pintada na imitação de pedra, tribuna e dois nichos, e tecto pintado, apontam-se:

Os *painéis* laterais, de azulejo recortado, do mesmo estilo («Morte» e «Assunção de Nossa Senhora»).

(Na ermida da Senhora da Oliveira não há outras particularidades dignas de notícia, salvo algumas imagens, setecentistas, vindas da antiga paroquial (S. Julião e Santa Catarina) ou já existentes (o orago, Santo António e S. Marçal).



IGREJA DE NOSSA SENHORA DA AJUDA

(NOSSA SENHORA DA BOA HORA)

Século XVIII

Fundação	Depois de 1758
Reconstrução	1870-1872
Paróquia	1586 ou 1587

[Freguesia civil da Ajuda]

Breve notícia histórica

A igreja paroquial de Nossa Senhora da Ajuda é uma edificação do século XVIII (terceiro quartel), depois de 1758, integrada no convento dos Eremitas descalços de Santo Agostinho, da invocação de Nossa Senhora da Boa Hora, levantado no sítio da Ajuda depois do Terramoto, para substituir uns abarracamentos nos quais se haviam refugiado os Religiosos do convento da Boa Hora, de Lisboa.

Foi o templo dos Agostinhos quase inteiramente reconstruído em 1870-1872, perdendo então um pouco o seu aspecto setecentista, que embora pobre era vincado em pormenores decorativos.

A paróquia de Nossa Senhora da Ajuda, do termo de Lisboa, remonta, pelo menos, a 1586 ou 1587. Teve por primeira sede uma ermida situada no Alto da Ajuda, dedicada a esta invocação de piedade lendária, parece que já existente no meado do século XVI, ermida depois ampliada em igreja, e na qual esteve instalada, a seguir ao Terramoto, a Patriarcal de Lisboa. Da paróquia da Ajuda foi desmembrada em 1770 uma parte, destinada a constituir a nova freguesia de S. Pedro, em Alcântara, e em 1833-34 outra, a Sul, para criação da paróquia de Belém, mas a sua área ficou ainda muito vasta. Em Maio de 1834 a paróquia foi transferida da sua velha sede para a igreja de Nossa Senhora da Boa Hora, do convento dos Agostinhos, que tomou então o orago de Nossa Senhora da Ajuda. A primitiva igreja desapareceu na terceira década do século passado.

INVENTÁRIO

A igreja da Ajuda, situada no largo da Boa Hora, orientada a Sul, oferece um Exterior trivial, que de modo algum se ajusta a outros espécimes arquitectónicos da segunda metade do século XVIII.

Exterior

Anota-se:

se vê um emblema da Avé-Maria, sobrepujado de coroa real;

A Fachada, simples, e nela:

O *corpo principal*, e nele, ao cimo de uma escadaria sem cortina, três *arcos* de volta abatida, que correspondem ao acesso à galilé; três janelas simples, iluminantes; o coroamento de *frontão* recortado, no qual

O *corpo lateral* Poente, ao cimo do qual se situa a *torre* sineira, acachapada, com ventanas e grimpas coroada por um cata-vento de galo, em bronze. (A Nascente prolonga-se o corpo do antigo Convento dos Agostinhos da Boa Hora, convertido em Hospital Militar em 1892).

Interior

A igreja da Ajuda no seu Interior, constitui sobretudo um mostruário de cerâmica setecentista, do período chamado «de D. Maria I», bem conservada, em múltiplos painéis, todos de idêntico assunto e de desenho muito defeituoso.

Anotam-se:

O **Corpo da igreja**, de nave única sem transepto, e nele:

O *tecto*, em arco de volta perfeita, pintado a claro-escuro com ornatos geométricos, restauro da última década do século passado (obra de Pedro Bordes), pèssimamente conservado;

O *coro*, pobre, com balaustrada saliente nos extremos;

Quatro *capelas*, emolduradas com arco de cantaria, cujos altares são de madeira, com camarim ao fundo, e que se discriminam: pela esquerda, capela interior do Senhor dos Passos, com altar exterior, correspondente ao camarim, e, nela, um altar com *oratório*, primitivo, de Nossa Senhora

da Ajuda, cuja imagem proveio da antiga sede paroquial; capela reentrante do Santíssimo, e, nela, o cancelo de grades douradas (século XVIII) e o revestimento de silhares de *azulejos*, dos do tipo da nave, o *tecto*, em abobadilha de aresta; pela direita, o altar de Santo António e, imediatamente, o da Senhora da Conceição;

Dois *altares* nos topos, também pobres e de madeira, sendo o da esquerda do Coração de Jesus e o da direita do Coração de Maria;

O *revestimento* das paredes da nave, a meia altura e a todo o comprimento, espécime puro de cerâmica de *azulejos*, policromos, com grinaldas, emolduração, intercolúnios e frisos, em silhares contínuos, nos quais se representam doze cenas da vida de Santo Agostinho;

Oito *quadros* a óleo, sobre tela, quatro de cada lado, sendo seis mais pequenos, representando cenas da vida de Santo Agostinho (Bento Coelho da Silveira) e dois, maiores, representando o Calvário e outro Nossa Senhora da Conceição (Botovi);



Igreja da Boa-Hora

O *arco da capela-mor*, em cantaria, rematado pelo brasão real (época de D. Luís).

A *Capela-mor*, e nela:

O *tecto*, de estuque, abaulado, com ornatos de relevo, representando-se ao centro a Eucaristia;

O *altar-mor*, em madeira, cujo coroa-mento é rematado por duas esculturas de serafins, e, nele, sobre o sacrário, a imagem (século XVIII) de Nossa Senhora da Ajuda, e em nichos as de Santo Agostinho e Santa Mónica; *revestimento* de silhar de bons *azulejos*, a todo o comprimento, da mesma época, desenho e assunto dos da nave, quatro *quadros*, a óleo sobre tela, figurando os Doutores da Igreja (Pedro Alexandrino?).

A *sacristia*, revestida de painéis de cerâmica idênticos aos já citados, e, nela, o *tecto*, em estuque de relevo e ornatos, as *sobreportas*, do mesmo material e labores; alguns *quadros*, setecentistas, entre eles a «Virgem e o Menino», «Santo Agostinho diante de Cristo», «A Ceia» e «Cristo des-cido da Cruz».

A antiga *portaria* conventual (passagem para a sacristia), revestida igualmente de cerâmica de azulejo do tipo e época citada.

ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA VITÓRIA

(PARÓQUIA DA CONCEIÇÃO NOVA)

Século XVIII

Fundação	1765
Grandes restauros	1940
Paroquia	1568

[Freguesia civil da Conceição Nova]

Breve notícia histórica

A actual ermida da Vitória foi construída entre 1765 e 1824 para substituir a antiga, quinhentista, que se levantava, com o hospício anexo de Santana dos Caldeireiros, na Caldeiraria, onde hoje se cruzam as ruas do Ouro e da Assunção. Devia-se a uma recolhida, cega, desse hospício, devota daquela invocação, que introduziu o culto da Senhora da Vitória na capelinha do recolhimento então administrado pelo Hospital real de Todos-os-Santos. A ermida fora edificada em 1556 passando a sua manutenção à Irmandade dos Caldeireiros. Foi inteiramente destruída pelo Terramoto. No final do século XIX entraram a administrá-la os representantes da antiga Confraria dos Ourives, cuja capela da invocação de Santo Elói e da Senhora da Assunção (1697) queimada em 1755, se transportara para a rua da Prata (n.ºs 139-141) e acabara por desaparecer.

Em virtude da venda e demolição da igreja da Conceição Nova instalaram-se (a partir de 1951) os serviços paroquiais na ermida da Vitória.

A freguesia eclesiástica da Conceição, formada por arruamentos desanexados das de S. Julião, Madalena e S. Nicolau, foi criada pelo cardeal-infante D. Henrique em 1566 com sede na igreja de Nossa Senhora da Conceição dos Freires de Cristo, adaptação, segundo se supõe, da sinagoga da Judiaria Velha, que se erguia no espaço ocupado pela actual rua dos Fanqueiros e o quarto quarteirão oriental. Mais de um século depois, por repetidas discórdias dos párocos com os freires, a sede da freguesia transferiu-se (1662) para a antiga ermida da Vitória, onde permaneceu 17 anos, mudando-se para edifício próprio, levantado à custa dos paroquianos, e só concluído em 1780, com foros de sumptuoso — a Conceição Nova, ou igreja nova da Conceição. Erguia-se então na rua Nova dos Ferros, no próprio leito da actual rua da Prata, à altura do segundo quarteirão.

A paroquial, ficou totalmente arruinada pelo Terramoto sendo construída (1785-1794) pelo arquitecto Remígio Francisco de Abreu na esquina das ruas da Conceição (ou dos Retroseiros) e Nova do Almada. Vendida em 1951 a uma empresa particular o produto da transacção serviu para a construção da nova igreja de S. João de Deus.

INVENTÁRIO

A ermida de Nossa Senhora da Vitória avulta entre dois prédios da rua da Vitória, na parte situada entre as ruas do Ouro e do Crucifixo, e está orientada ao Sul.

Exterior

O acesso ao templo faz-se por seis degraus que terminam em patamar formando um pequeno adro. Assinala-se:

A **Fachada**, de um só corpo, ladeado por quatro pilastras, portas a par duas a duas, às quais serve de remate a ar-

quitrave, coroada de acrotérios flamejantes e frontão com tímpano, e nele óculo iluminante;

O **portal** com moldura de cantaria e ática ornamentada. Por cima janelão com ática, decorado com um vitral moderno.

Interior

No **Interior** da ermida, de uma só nave, há a apontar:

O **Corpo** do templo, revestido de um silhar de azulejos ornamentais, no estilo «de D. Maria I»;

O **coro**, que se prolonga lateralmente formando duas tribunas e assentando directamente no guarda-vento e sobre quatro mísulas nas paredes laterais;

Uma **capela** por lado, sendo a da banda do Evangelho da invocação do Santo Cristo (imagem proveniente do convento do Crucifixo da Pedreira) a que é fronteira a de Santo Elói, patrono dos ourives (*retábulo* com pintura do século XVII). De pouco fundo, e sem interesse artístico, têm por ornamento pilastras lisas, rematadas por arcos e teia de madeira decorada. Na parede do topo dois pequenos **altares** com imagens modernas.

A **Capela-mor**, cujo acesso se faz por arco de pilastras de mármore rosa com capitéis coríntios de mármore branco (sobre ele janela com vitral moderno) é iluminada por duas janelas por lado, formando tribunas com ombreiras, remates e varandas de pedra. A cada uma corresponde no plano baixo uma porta. E nela:

O **tecto** em arco de cesto com quadrelas de estuque, sendo as do centro envidraçadas;

O **altar-mor**, com trono, no estilo vulgar do final do século XVIII. Entre dois nichos com as imagens de S. José e Santo António a do **Orago** da paróquia, aparatosa peça escultórica, pintada e dourada.

Salvo uma pequena escultura da Senhora da Piedade com o Senhor morto (altar do Santo Cristo) nada mais há a assinalar, quer na própria ermida quer nas dependências.

ERMIDA DA VITÓRIA



Imagem de Nossa Senhora, no altar-mor

IGREJA DOS MÁRTIRES



Portal do baptistério

IGREJA DOS MÁRTIRES

Século XVIII

Fundação	1770
Restauros	1866
Paróquia	1147

[Freguesia civil dos Mártires]

Breve notícia histórica

A igreja de Nossa Senhora dos Mártires, de tão ressonante nome lisiponense, é uma edificação integral do século XVIII, do risco do architecto Reinaldo Manuel dos Santos.

A paróquia remonta ao ano da conquista de Lisboa; a sede principiou por ser uma pequena ermida dos Cruzados ingleses que auxiliaram D. Afonso Henriques na conquista de Lisboa, erecta no local — Monte Fragoso, que mais tarde foi o Alto de S. Francisco — onde aqueles cavaleiros tinham o cemitério dos seus «mártires», junto do acampamento situado a Poente da Lisboa sarracena. O templo primitivo de Nossa Senhora dos Mártires foi várias vezes reedificado, ampliado e restaurado, nomeadamente em 1598-1602, 1629, 1685-1692, 1710, 1746-1750; assentava ao lado, sobre o rio, do convento de S. Francisco (no sítio occupado pelo prédio que esquina da rua Vitor Córdon para o largo da Biblioteca) e o Terramoto destruiu-o inteiramente. A paróquia estanciou depois por vários locais: numa barraca em Rilhafoles, na ermida dos Mártires, ao Rego, na de S. Pedro Gonçalves, ao Corpo Santo.

Em 1769, ou no ano seguinte, deu-se começo às obras do novo templo, situado na rua Direita das Portas de Santa Catarina, entre as ruas da Figueira e da Ametade (ruas Garrett, Anchieta e Serpa Pinto actuais). Ainda por acabar foi benzida a nova sede paroquial em 18 de Março de 1774, mas só aberta ao culto em 5 de Agosto de 1786 (outros dizem em 1783). Só foi sagrada em 1866 (30 de Julho) após obras efectuadas nesse ano

IGREJA DOS MÁRTIRES



Frontaria

INVENTÁRIO

A igreja dos Mártires, com frontaria orientada ao Norte (como a da Encarnação) é de um belo equilíbrio de linhas na sua fachada.

Exterior

No Exterior, assinala-se:

A **Frontaria**, constituída por dois corpos no sentido horizontal, cortados verticalmente por seis pilastras da ordem dórica, das quais as extremas são duplas; e nela, ao cimo de alguns degraus:

O *portal central*, emoldurado de ombreiras trabalhadas na base do capitel, e rematado, sobre a verga, por um interessante *baixo relevo*, contido num medalhão, de mármore, obra de Francisco Leal Garcia, discípulo de Machado de Castro, e que representa a dedicação do templo à Virgem,

que a aceita de dois cavaleiros ajoelhados, um dos quais figura D. Afonso Henriques, vendo-se ao fundo um trecho das muralhas ameiadas de Lisboa;

Os *portais laterais* coroados de áticas; três janelas em disposição horizontal, no segundo entablamento, também coroadas de áticas, sendo a do centro mais larga, alta e decorativa;

Frontão, em cujo tímpano se rasga um óculo iluminante. (A *torre sineira* está colocada por de trás do edifício, sobre a rua Serpa Pinto).

Interior

No Interior, de nave única, a Igreja reveste-se de nobreza de materiais.

Anota-se:

O **Corpo da igreja**, e nele:

O *tecto* em abóbada de arco, em madeira, revestida de larga *composição pictural*, representando ao centro D. Afonso Henriques dedicando o templo à Virgem, acompanhado de um cavaleiro (Guilherme «da longa espada»), figurando-se ao alto Nossa Senhora, rodeada de cruzados mártires e assistida por uma coroa de anjos, trabalho de Pedro Alexandrino inspirado no desenho original do último tecto da anterior igreja, da autoria de Vieira Lusitano.

Nos *medalhões* figuram-se os quatro Evangelistas e os quatro Doutores da Igreja (os ornatos complementares envolventes são de José Inácio de Oliveira e de José António Narciso);

O *baptistério*, defendido por uma porta de ferro, dourada, com inscrição repartida; no batente esquerdo lê-se em maiúsculas: «*Nesta paróquia/se administrou o/primeiro baptismo*», e no batente direito «*Depois da Tomada/de Lisboa aos mouros, no ano de 1147*»; no fundo do baptistério vê-se um quadro «O baptismo do Salvador por S. João» pintura atribuída a Pedro Alexandrino;

O *coro*, assente sobre três arcos de pedra, sendo o do centro de volta abatida, apoiados em pilastras, e no qual se encontra o órgão, atribuído a Silvério Machado (cerca de 1780);

Oito *capelas*, quatro por cada lado, com arco de volta redonda, e cujos *altares*, emoldurados de estuque dourado, simulando tálha, ostentam no fundo *retábulos*, também do pincel de Pedro Alexandrino, e que se discriminam: pela direita, Santa Luzia, o Calvário, S. Miguel e o «Bom Pastor», e pela esquerda, S. Brás, Santo António, Santa Cecília e «A Ceia», este na capela antiga do Santíssimo, que é de forma circular, revestida de mármore azuis e rosa, fechada por bons portais com ornatos de bronze dourado e em cuja parte superior se lê a inscrição, em maiúsculas «*Pavate/ad Sanctuarum meum/ego Dominus*»;

Um *nicho*, sobre o arco da capela-mor, no qual se situa, orientada para o corpo da igreja, uma imagem setecentista do Senhor Jesus dos Perdões;

A *teia*, circundante do corpo da igreja, em pau santo com torneados.

A *Capela-mor*, cujas paredes se revestem de mármore, e nela:

O *tecto*, cuja pintura central representa uma alegoria à Santíssima Trindade, obra

de Jerónimo Gomes Teixeira; o *altar-mor*, guarnecido por colunas da ordem composta que sustentam um remate, com moldura de mármore de Estremoz, negro; a *imagem* de Nossa Senhora dos Mártires, escultura na qual se pretendeu reproduzir a primitiva, e assente sobre mísula de mármore (1941); o *sacrário*, de mármore, peça monumental (Anjos Teixeira, 1941).

A *Sacristia* da Irmandade, com tecto revestido de estuque com ornatos (João Grossi?), e no qual se vêem, em *pintura*, bustos dos doze Apóstolos, obra também de Pedro Alexandrino;

A *Sacristia* paroquial, antiga da Colegiada da Basílica, com um *baixo relevo* de mármore, repetindo o assunto da «Dedicação do templo à Virgem» e dos bustos dos Apóstolos da outra sacristia (Maria Amélia Bertrand);

A *Casa do despacho*, num pavimento superior, cujo tecto é ornado de relevos de estuque, com pinturas de motivos eucarísticos (1874); na sobreporta, interiormente, vê-se uma coroa real.

(Nos Mártires conservam-se algumas boas imagens setecentistas, entre as quais uma, escultura de J. J. Barros Laborão, que pertenceu a uma ermida que existiu no edifício do Tesouro Velho).



IGREJA DOS MÁRTIRES



Pintura do tecto do corpo da igreja

IGREJA DA ESTRELA



Braço esquerdo do transepto e Capela da Eucaristia

IGREJA DA ESTRELA

(PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA LAPA)

Século XVIII

Fundação	1779
Paróquia	1770

[Freguesia da Lapa]

Breve notícia histórica

A igreja da Estrela — Basilica do Coração de Jesus, monumento nacional (decretos de 10 de Janeiro de 1907 e 16 de Junho de 1910) — é o mais notável monumento sacro de Lisboa, do século XVIII, e um dos mais belos do país.

Foi fundada pela Rainha D. Maria I em terrenos do Casal da Estrela que pertenciam à Casa do Infantado, doados às religiosas Carmelitas Descalças, às quais se destinou o Convento do Coração de Jesus, com sua basílica.

Foi architecto Mateus Vicente e depois Reinaldo Manuel. A primeira pedra foi lançada em 1776, começando as obras em Outubro de 1779, realizando-se a inauguração em 15 de Novembro de 1789.

Nesta obra magnificante de architectura, escultura e cerâmica de azulejos, enriquecida de materiais nobres, trabalharam dezenas de artistas de chamada «Escola de Mafra», entre eles Machado de Castro.

O convento foi, em 1885, por morte da última freira, entregue à Fazenda Nacional com destino aos serviços geodésicos, actual Instituto Geográfico e Cadastral. Em dependência está igualmente instalado o Arquivo dos Feitos Findos, serviço anexo da Torre do Tombo.

Em 22 de Julho de 1886 a igreja tornou-se sede da paróquia da Lapa, criada em 1770, (e até então instalada na igreja de Nossa Senhora da Lapa) à custa de tractos desanexados das freguesias de Santos (1770) e de Santa Isabel (1780).

O templo recebeu reparações em vários períodos do século passado, e obras de conservação no actual século.

Para mais desenvolvido conhecimento da história deste monumento e sua descrição veja-se «Inventário de Lisboa», fascículo 1.º, pág. 71 e seguintes.

INVENTÁRIO

Na Basílica da Estrela, paroquial de Nossa Senhora da Lapa, merecem notícia o seu exterior, rico de decoração escultórica na fachada principal, a faustosa nave e suas capelas, o transepto e as capelas colaterais, a capela-mor, a sacristia e o zimbório.



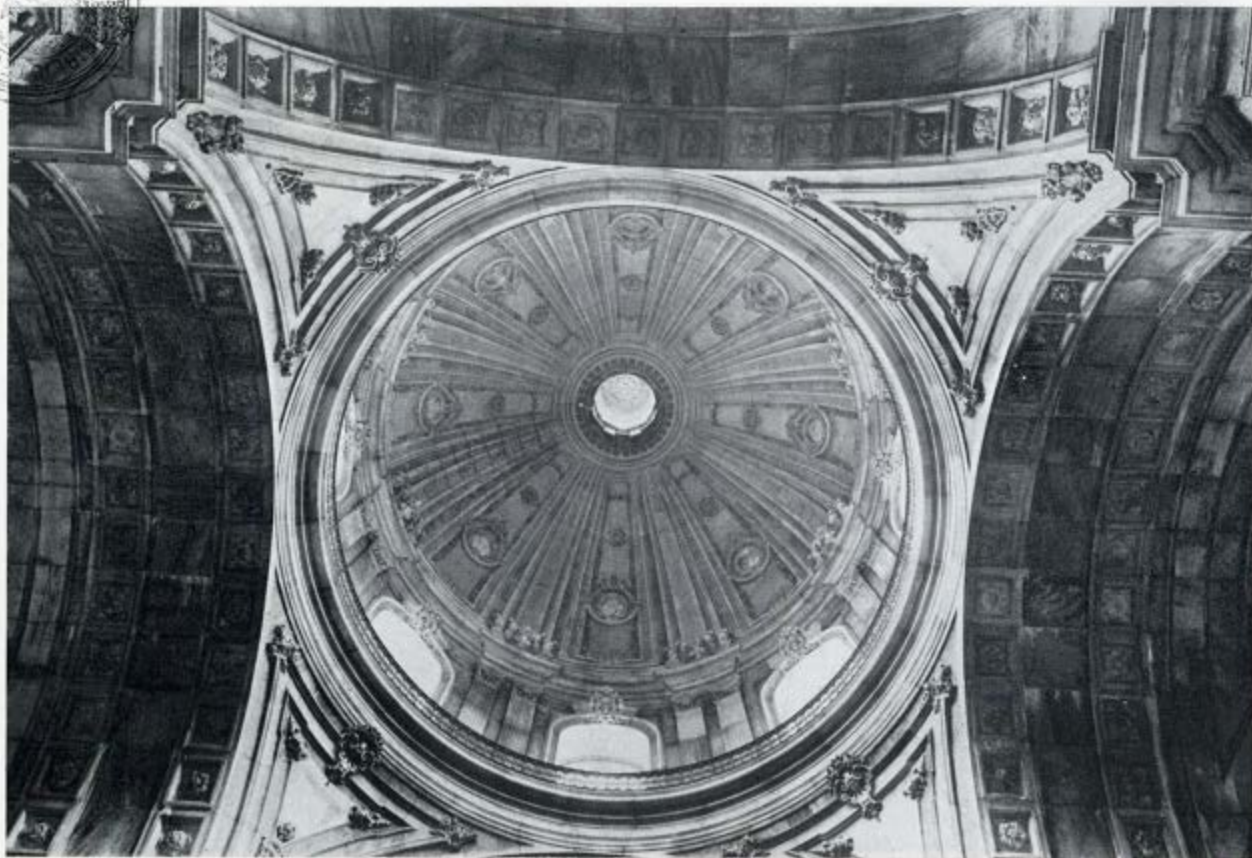
IGREJA DA ESTRELA



Túmulo da Rainha D. Maria I
(Capela-mor)



IGREJA DA ESTRELA



Face interna do zimbório

IGREJA DE S. PEDRO EM ALCÂNTARA

Século XVIII

Fundação 1780
Paróquia 1770

[Freguesia civil de Alcântara]

Breve notícia histórica

A igreja de S. Pedro, na calçada da Tapada, em Alcântara, é uma construção da penúltima década do século XVIII, levada a efeito em terrenos que eram logradouro do Paço Real do Calvário, os quais foram doados pela Rainha D. Maria I (em Abril de 1780) à Irmandade de S. Pedro, da qual era juiz o Conde da Ponte; as obras concluíram-se só em 1788, mas a capela-mor estava rematada em 1786, tendo sido assim inaugurada a igreja em 18 de Fevereiro desse ano.

A paróquia de S. Pedro, que remontaria a 1191, é certo existir em 1209 ou 1229, e foi criada em S. Pedro de Alfama, no seu templo próprio que o Terramoto destruiu inteiramente. A freguesia eclesiástica estanciou então num armazém ao Chafariz de El-Rei, depois num abarracamento junto das ruínas da igreja antiga, até que em 1770 se instalou na ermida da Caridade ao Calvário (agora dependência da esquadra de polícia). A actual paróquia de S. Pedro, em Alcântara, absorveu áreas destacadas das freguesias da Ajuda e da Boa Morte, esta extinta em 1780.

A igreja de S. Pedro tem a forma de cruz latina, usada nas basilicas, e é de certo modo, quanto à traça arquitectónica, que não quanto a materiais e nobreza, uma reduzida miniatura da Basílica da Estrela.

Esteve encerrada ao culto de 1915 a 1918, instalando-se a paroquial, durante este período, na igreja vizinha do Convento das Flamengas.

INVENTÁRIO

A igreja de S. Pedro, situada no começo da calçada da Tapada, está orientada a Nascente.

Exterior

Quanto ao seu Exterior assinala-se:

O **Corpo Central**, guarnecido por pilasstras simples, entre dois laterais estreitos, e com frestas; e nele:

O *portal*, único, ao cimo de pequena escadaria, emoldurado por pilastras e rematado por tímpano aberto, sobre a verga, no qual se vê um medalhão emblemático de S. Pedro Papa;

Uma *janela* iluminante, emoldurada de cantaria, com arco coroadado de labores; o frontão simples;

A *torre* única (1815), por concluir, sobre o corpo lateral do lado Norte;

O *zimbório*, correspondente ao cruzeiro, e que se eleva acima do nível do edifício.

Interior

A igreja de S. Pedro, no seu Interior tem a forma de cruz, cuja haste inferior constitui uma curta nave.

Assinala-se:

O **Corpo da igreja**, e nele:

A *nave*, cujo tecto apresenta ornatos de estuque em relevo, tendo ao centro um medalhão, em pintura, figurando Nossa Senhora da Conceição, e quatro pequenos medalhões laterais com a representação de anjos;

Um pequeno *coro*, sobre o guarda-vento, com teia de madeira;

Dois *altares*, um por cada lado, emoldurados por arco de cantaria e guarnecidos de talha pobre, com as invocações da Imaculada Conceição (boa imagem), o da esquerda, e de Nossa Senhora Auxiliadora, ou do Perpétuo Socorro, escultura de relativo merecimento, o da direita;

O *transepto*, e nele:

A *cúpula central*, em rotunda revestida de estuque, com quatro óculos iluminantes;

Os dois *braços da cruz*, com tectos de estuque, em relevo, com ornatos e emblemas da Paixão, e em cada um deles uma *capela* guarnecida de colunas de madeira com capitéis da ordem compósita, frontão curvo e aberto, tudo na imitação de mármore e cantaria: a do lado direito da invocação das Almas, tendo ao fundo uma tela representando a «Descida de Jesus ao Limbo», a do lado esquerdo, antiga do Santíssimo, com pintura de fundo de altar representando a «Coroação da Virgem».

A **Capela-mor**, e nela:

O *tecto*, do tipo dos da nave e transepto, tendo ao centro um medalhão cuja pintura figura «Cristo entregando as chaves a S. Pedro» e guarnição idêntica às das

capelas do transepto, tendo ao centro uma grande imagem de S. Pedro, sobre peanha; dois quadros, um de cada lado no intervalo de duas tribunas, e que representam «Jesus salvando S. Pedro do naufrágio» e «S. Pedro liberto da prisão por um anjo».

(Na Igreja de S. Pedro existem algumas boas imagens, esculturas apreciáveis,

entre elas as de Santo António, S. Bernardo, e Nossa Senhora das Candeias e S. Sebastião (estas em nichos na capela-mor), do Senhor dos Passos (proveniente do convento das Trinas) e de Nossa Senhora da Piedade. Existem também um busto, em marfim, e alguns quadros a óleo, sobre tela, nas Sacristia e Casa de Despacho).



IGREJA DE S. PEDRO EM ALCÂNTARA



Nossa Senhora do Perpétuo Socorro

IGREJA DO CORAÇÃO DE JESUS



Retábulo da capela-mor, de Volkmar Machado

IGREJA DO CORAÇÃO DE JESUS

Século XVIII

Fundação	1780
Grandes restauros	1877 a 1880
Paróquia	1770

[Freguesia civil de Camões]

Breve notícia histórica

A igreja paroquial do Coração de Jesus, na rua de Santa Marta, é uma edificação do século XVIII (1780-1790), do risco do architecto Manuel Caetano de Sousa. A freguesia eclesiástica, desanexada das de S. José, Pena e S. Sebastião, foi criada em Fevereiro de 1770, sob a denominação de Santa Joana, instalando-se no convento de Santa Joana, do qual passou, em 1780, para a igreja do Hospício dos Religiosos de Nossa Senhora do Carmo do Rio de Janeiro, na esquina da rua de Santa Marta para a rua do Loureiro, passando então a freguesia a chamar-se do Coração de Jesus.

Entretanto ia-se construindo o templo próprio paroquial, em terreno cedido por Cristóvão de Sousa da Silva d'Alte, correndo as despesas pela irmandade do Santíssimo da qual fazia parte o 12.º Conde de Redondo, D. Francisco de Sousa Coutinho. A transferência da freguesia para a sua igreja do Coração de Jesus realizou-se em 30 de Maio de 1790. Entre 1877 e 1880 a igreja recebeu grandes obras de restauro, estando o culto então suspenso. Está projectado um novo templo nas imediações, mais vasto e de melhor architectura.

INVENTÁRIO

A igreja do Coração de Jesus é das mais modestas de Lisboa.

Exterior

No Exterior anota-se:

A **Frontaria**, voltada a Nascente, relativamente estreita, com o *portal* de cantaria,

rematado por pequeno baixo relevo na sobrecarga representando o «Coração de Jesus», e três janelas iluminantes do coro. A torre situa-se nas trazeiras do templo.

Interior

O *Interior* acusa ainda o espírito ornamental religioso do século XVIII, e nele há a assinalar apenas:

O **Corpo da igreja**, e nele:

O *tecto*, de arestas, em estuque (assim como as paredes de todo o templo) e nele duas pinturas centrais, atribuídas a Pedro Alexandrino;

No *subcoro*, à esquerda, pequena capela baptismal com pintura alusiva, de algum mérito, e atribuída àquele mesmo pintor;

O revestimento das paredes da nave única feita por cerâmica de *azulejos policromos*, do tipo «de D. Maria I»;

Quatro *capelas* no corpo da igreja, do lado do Evangelho Senhora das Dores e S. Miguel, e fronteiras Senhora de Fátima e Santo Cristo. Altares pobres, do tipo comum do final de setecentes;

A **Capela-mor**, com guarnições das portas e janelas de pedra trabalhada, frontal no estilo da época, com dourados e fingidos, revestimento das paredes de azulejos como os do *corpo* da igreja; e, nela o quadro do «Coração de Jesus» pintura de Cirilo Volkmar Machado, que constitui o painel do *altar-mor*;

O *tecto*, em estuque, com uma pintura alegórica da Eucaristia.



IGREJA DE S. MAMEDE

Século XVIII

Fundação	1783
Restauros.	1883 e 1903
Reedificação	1924
Paróquia.	Entre 1209 e 1279

[Freguesia civil de S. Mamede]

Breve notícia histórica

A igreja de S. Mamede é, em núcleo, uma construção do século passado, concluída em 1861, depois de lentas e intermitentes obras da «igreja nova» que haviam principiado em 1783. Em rigor, porém, é uma edificação recente, do risco do architecto Raul Martins, concluída em 1924 após o incêndio, quase total, sucedido na madrugada de 26 de Maio de 1921. Não é, assim, de estranhar a sua pobreza architectónica e mesquinhez artística.

A paróquia de S. Mamede data do século XIII, como parece documentado (outros propõem o ano de 1312) e tinha a sua sede no sítio de S. Mamede, sob o Castelo, vizinho do das Pedras Negras, na igreja daquele orago, a qual fora reconstruída, ou pelo menos largamente restaurada em 1665, e destruída pelo Terramoto. A paróquia estanciou depois na igreja de S. Cristóvão e na ermida de S. Patrício, nas escadinhas de S. Crispim; oito anos após na ermida de Nossa Senhora Mãe dos Homens, a Vale do Pereiro (onde hoje a rua Rodrigues da Fonseca corta as ruas Braamcamp e Alexandre Herculano) até que em 1783 ocupou a capela-mor, que era tudo quanto estava de pé, na igreja nova, cujo terreno dois anos antes fora cedido, para começo das obras, pelo Colégio dos Nobres. Só em 1861 se fechou a nave, sempre em soluções precárias de construção, o que obrigou a novas obras em 1883, e depois ainda em 1903 passando nesse ano, por alguns meses, os serviços paroquiais para a igreja das Trinas do Rato. O actual templo foi inaugurado, após o incêndio, em 10 de Fevereiro de 1924. Durante o período que mediou entre o fogo e a reconstrução da igreja a paróquia esteve instalada na ermida de Nossa Senhora da Conceição, do palácio dos Marqueses da Praia, e o culto celebrou-se na sacristia da sede paroquial e que o incêndio poupou.

INVENTÁRIO

Está instalada no largo de S. Mamede, com a frontaria voltada ao Poente.

Exterior

No Exterior, a igreja de S. Mamede assinalase apenas pela:

Frontaria, num único corpo, simples, acima do nível do largo, com acesso por escadaria de dez degraus e guarnecida na

frente por um adro, revestido de cortina de cantaria e nela:

O *portal*, emoldurado de cantaria; três janelas com vitrais e coroadas de ática, correspondentes ao coro; *frontão*, ornado apenas de dois acrotérios.

Interior

A igreja de S. Mamede, na qual se sente a frescura da reconstrução recente, é no seu Interior também muito simples.

O **Corpo da Igreja**, em nave única, e nele:

O *tecto*, em arco, revestido de estuque, com simples pinturas de ornatos;

O *coro*, de madeira, e cujos vitrais representam ao centro Cristo Crucificado e dos lados os Doutores da Igreja;

O revestimento das paredes, com *silhares de azulejos* (Conceição e Silva, 1923);

Quatro *capelas*, duas por cada lado, guarnecidas superiormente por arco de cantaria, e cujos altares, de madeira, são pobres; discriminam-se: pela esquerda, as capelas de Nossa Senhora das Dores e do Santíssimo, esta reentrante, e pela direita, Nossa Senhora Mãe de Deus e dos Homens e Nossa Senhora da Conceição;

Uma *capela* interior, situada à esquerda de um corredor que nasce do corpo da igreja, da invocação de Nossa Senhora de

Fátima e dos Santos Portugueses (inaugurada em Maio de 1927), e, nela: um *vitral*, no topo, representando a padroeira da capela (Ricardo Leone); sete painéis historiados (Conceição e Silva), com alusões às vidas de S. Teotónio, S. João da Cruz, Santo António, Beato Nuno Álvares, Santa Joana, princesa, Beata Mafalda e Beata Sancha.

A *Capela-mor*, além de uma teia de madeira com balaustres, e nela: a *abóbada*, em arco de quadrelas geométricas em cantaria (século XIX); o *altar-mor* com espaldar guarnecido de colunas de mármore, vendo-se ao fundo um quadro a óleo representando a «Morte e exaltação de S. Mamede» (pintura de Conceição e Silva, 1923); duas *tribunas* por cada lado; revestimento com painéis de *azulejos* nas paredes laterais.

(As imagens da igreja de S. Mamede são quase todas recentes, e das antigas podem citar-se a de Nossa Senhora da Con-

IGREJA DE S. MAMEDE



Nossa Senhora da Conceição

IGREJA DE S. MAMEDE



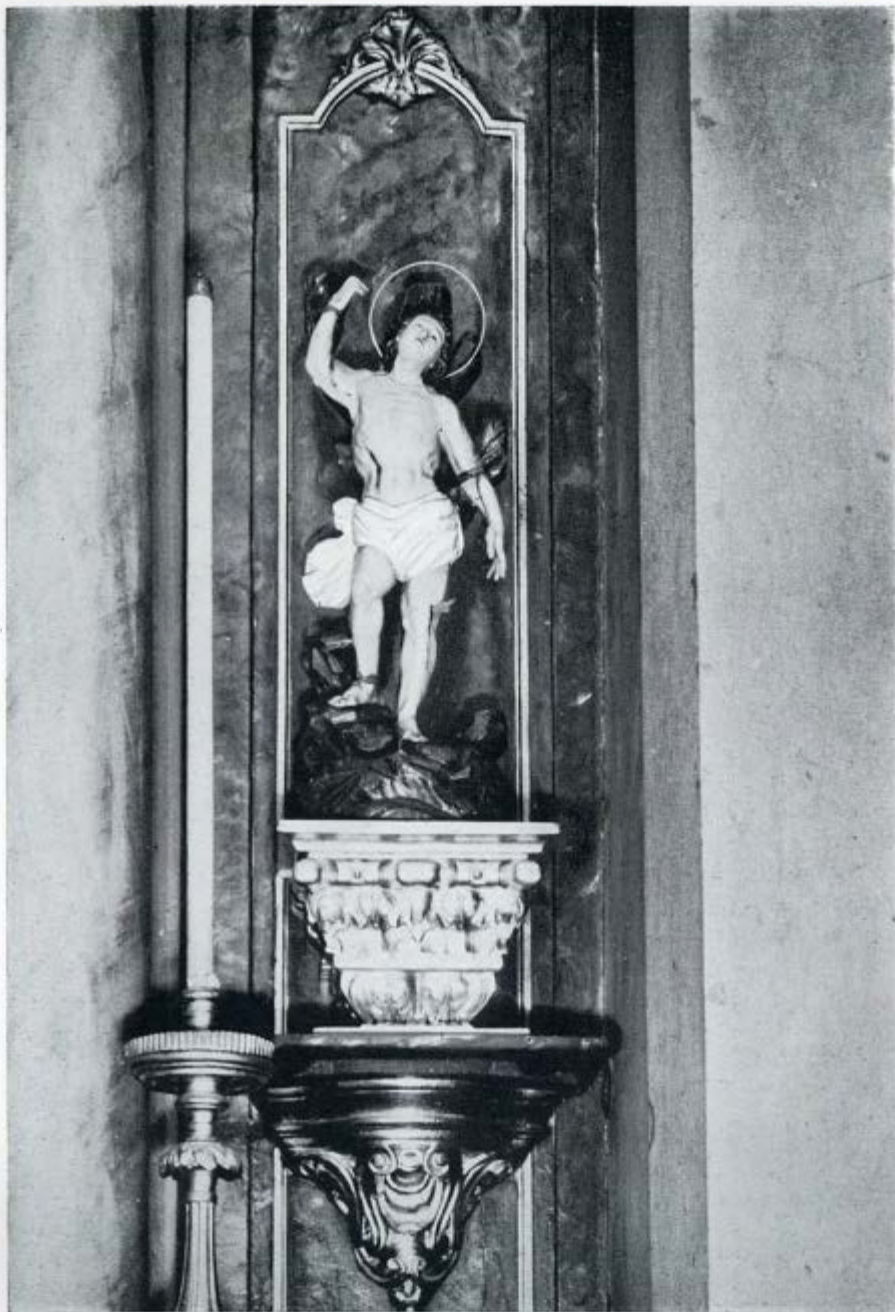
Nossa Senhora Mãe-dos-Homens

ceição, de José de Almeida, que pertenceu à Casa de Noviciado da Companhia de Jesus, e depois ao Colégio (da Conceição) dos Nobres, e foi mandada executar segundo uns pela rainha D. Maria Francisca Isabel de Sabóia, mulher de D. Pedro II, e segundo outros pela esposa del-rei D. João V, D. Maria Ana de Áustria; a de Nossa Senhora Mãe de Deus e dos Homens, prove-

niente da desaparecida ermida do Vale do Pereiro, desta invocação; a de S. Sebastião da Saúde, a única imagem que se salvou de S. Mamede-Velho. Na passagem da igreja para a sacristia foi colocada em 1932 uma estátua, de mármore, representando Nossa Senhora, que adveio, há muitos anos, do convento da Esperança, e assinada: «Pietro Martini Sanctus, di Milano»).



IGREJA DE S. MAMEDE



S. Sebastião da Saúde

IGREJA DE ARROIOS



Aspecto geral

IGREJA DE S. JORGE DE ARROIOS

Século XIX

Fundação.	1821
Restauros.	Final do séc. XIX e 1937
Paróquia	Antes de 1168

[Freguesia civil de Arroios]

Breve notícia histórica

A igreja de S. Jorge, de Arroios, é uma edificação do século passado, de tipo modesto.

A paróquia de S. Jorge remonta ao século XII, instituída — parece — pelo bispo D. Alvaro, em 1168, e situava-se sensivelmente em local onde hoje corre a Travessa das Merceeiras. Destruída a igreja pelo Terramoto, em termos irreparáveis, albergou-se a paróquia na ermida de Santa Bárbara, a Nascente da cidade, bem longe da sua antiga área, e ali esteve durante alguns meses com a de S. Martinho, até 24 de Janeiro de 1770, dia em que foi estanciar para as Olarias, na ermida do Senhor Jesus da Boa Sorte e Santa Via Sacra, transitando em 1780 para a ermida de Santa Rosa de Lima, do palácio Murça, em Arroios, onde se conservou até ser erguido edifício próprio.

O terreno para a igreja nova foi adquirido em 1782 e os primeiros trabalhos de demolição das casas existentes começaram em 1788, para logo paralizarem; o edifício foi levantado entre 1821 e 1829, inaugurando-se em 8 de Novembro desse último ano.

Foi restaurada a sede paroquial de 1895 a 1898, passando entretanto o culto a fazer-se na ermida de Nossa Senhora do Pópulo, do palácio dos condes de Linhares, na calçada de Arroios (demolida em 1910), passando após três meses para a igreja do antigo convento da Conceição, em Arroios (hoje Hospital) onde se conservou até poder voltar à sua casa.

Em 1937 recebeu a igreja novas obras de limpeza e restauro sumário.

INVENTÁRIO

A paroquial situa-se na face Norte do largo de Arroios, e voltada ao Sul.

Exterior

Na igreja de S. Jorge de Arroios, quanto ao Exterior, há a notar:

A **Frontaria**, trivial, orientada a Poente, ladeada por duas pilastras cónicas, e nela:

O *portal*, ao cimo de uma pequena escadaria e sobre ele três janelas de ilumina-

ção do coro, sendo a do centro mais larga e alta, sobrepujada de ática em ângulo; o *frontão*, com um óculo redondo, adornado nas extremidades por acrotério;

A *torre*, situada nas trazeiras do edifício, com ventanas e coroada de grimpá.

Interior

A igreja de S. Jorge, de uma única nave, é modesta:

Assinala-se:

O **Corpo da igreja**, e nele:

O **Cruzeiro de Arroios** — classificado «monumento nacional» — padrão quinhentista que se deve ao Senado da Câmara, do tempo de D. João III, atinente a honrar a memória da Rainha Santa Isabel, e que durante quase três séculos se ergueu no centro do largo de Arroios, sendo transferido em 1837 para a sacristia da Igreja e em 1895 para o lugar onde se encontra, adiante do guarda-vento (ver, oportunamente, o fascículo «Cruzeiros e padrões»);

O *tecto* em abóbada de arco revestida de estuque, com pinturas a claro escuro,

em quadrelas geométricas (restauro de Pereira Júnior, 1898);

O *coro*, assente sobre três arcos, que abrem do começo da nave;

Quatro *capelas*, duas por cada lado, cujos altares são revestidos de guarnição de madeira, sendo a segunda do lado esquerdo, reentrante, antiga *capela do Santíssimo*, com cancelas de madeira dourada, actualmente do Senhor dos Passos, tendo ao fundo do altar um quadro, a «Distribuição dos Pães» e pinturas nas paredes e tecto (Pereira Júnior).

A **Capela-mor**, e, nela: o *tecto* com pinturas de ornatos de Pereira Júnior; o altar, simples, no qual, abaixo do sacrário, se encontra a imagem do Santo padroeiro.



IGREJA DE S. JOSÉ



Capela-mor

IGREJA DE S. JOSÉ



Arcoz setecentista de origem conventual

IGREJA DE S. JOSÉ

(ANUNCIADA)

Século XIX

Fundação 1862
Paróquia 1567

[Freguesia civil de S. José]

Breve notícia histórica

O edifício da actual igreja de S. José com a sua frontaria — apenas esboçada num portal e meias pilastras — sobre o largo da Anunciada foi começado a erguer em 1862 e aberto ao culto em 15 de Agosto de 1883, ainda por concluir, e assim se mantém. A iniciativa de levantar um templo condigno que servisse de sede paroquial deve-se a D. Manuel da Cunha e Melo, da casa dos Condes de Povolide, cujo palácio se situava na rua então denominada de Santo Antão. Havia existido no local um convento de frades, da invocação de Santo Antão, e depois de Nossa Senhora da Anunciada, de religiosas dominicanas, quase totalmente destruído pelo Terramoto, e do qual não restam vestígios.

O risco da nova igreja é do architecto José Luts Monteiro, com excepção da fachada lateral, a Nascente, que se deve a Domingos Parente; na execução do plano architectónico trabalharam José Cotrim e Manuel Viana.

A paróquia de S. José foi criada em 1567 pelo Cardeal D. Henrique, arcebispo de Lisboa, em área desmembrada da de Santa Justa e Rufina, e esteve instalada desde o seu começo na pequena igreja — que datava de 1545 — de S. José de Entre-as-Hortas, da irmandade de S. José dos Carpinteiros, na qual se conservou até 1883, com excepção dos dois anos imediatos ao Terramoto (1755-1757), durante os quais se abrigou numa barraca improvisada cerca do local da sede paroquial.

A actual igreja de S. José, para a qual se aproveitaram materiais provenientes do já então extinto convento de Santo Antão-o-Novo (Hospital de S. José), e por ventura alguns do arruinado mosteiro da Anunciada, tem apenas capela-mor, cruzeiro e um tramo da nave, e esboçadas no pátio exterior, correspondente à nave, três capelas laterais.

Em 1793 chegara a projectar-se um templo paroquial de S. José, no local do convento da Anunciada, do risco do architecto António Ferreira Rodrigues, mas por demandar grandes despesas a ideia foi posta de parte. Em 1941 foi feito, e existe na sacristia, um novo projecto para conclusão do templo, trabalho do architecto Raul Couto, que a levar-se a efeito se deveria subordinar, no arranjo interior, à sugestão dada pela imponente capela-mor, da transição dos séculos XVI para XVII.

INVENTÁRIO

Exterior

No Exterior da igreja de S. José anota-se:

A *Frontaria*, inacabada, constituída por duas pilastras, levantadas apenas até a um terço da natural altura, e o *portão*, sobrepujado por uma cartela lisa;

A *fachada lateral*, na rua Alves Correia, mesquinha, entre prédios, e nela, um *portal* simples, sobrepujado na arquitrave

por um medalhão com cruz floretada; dois pequenos corpos laterais, cada um com sua janela, com óculo sobreposto; o *frontão*, com pequeno óculo.

Um *pátio* exterior, situado entre a parede do fundo da igreja e a frontaria, e que é chão destinado ao prolongamento do templo, cujos arcos de cúpulas estão encravados na parede do lado Nascente.

Interior

No Interior, a igreja de S. José, forrada de cantarias, mostra a forma de uma cruz perfeita, constituindo a primeira haste o começo da nave, que se prolongaria até à fachada exterior principal.

Assinala-se:

O primeiro tramo do que seria o Corpo da igreja, cujo fundo é formado por uma parede de reverso, à qual interiormente se encosta um pequeno coro;

A *asa esquerda* do cruzeiro, na qual se vê a capela do Santíssimo, reentrante, com cúpula circular, e forrada de mármore, com altar do mesmo material, guarnecido de colunas salomónicas duplas;

A *asa direita*, com a capela de Nossa Senhora da Conceição e Coração de Jesus, com altar e guarnição também de mármore mas de aspecto mais pobre;

A *cúpula* central do cruzeiro, com frestas iluminantes, e lanternim, apoiada em

arcos que formam as entradas das quatro alas, em cruz, do templo; péssima pintura de azul com estrelas douradas.

A *Capela-mor*, revestida de mármore, é a dependência mais destacada da Igreja e assinala-se pela majestade dos materiais e da escultura. Anotam-se:

O *tecto*, em arco de cesto formado por quatro tramos de cantaria e quadrelas de estuque sem pintura; o *altar-mor* com espaldar, ocupando o fundo de toda a parede, guarnecido por duas grossas e altas colunas salomónicas roxas (que advieram da igreja de Santo Antão-o-Novo), e coroado por uma composição escultórica, em mármore branco, representando a «Glória da Santíssima Trindade», obra de Pedro Carlos Reis executada por José Moreira; duas *tribunas* por lado,

com balaustres; paredes com guarnições de mármore, pedra e estuques brunidos;

A *sacristia*, e nela um *arcaz* com alçado de madeira contendo seis *quadros a óleo*, representando os «Mistérios de Maria» (peça que pertenceu, julga-se, ao convento da

Anunciada); um *presépio* muito gracioso também de proveniência conventual.

(As imagens da igreja não são de assinalar. A do Padroeiro é do século passado, e a de Cristo crucificado proveio do convento de Santo Elói).



IGREJA DE CAMPOLIDE

(PARÓQUIA DE SANTO ANTÓNIO DE CAMPOLIDE)

Século XIX

Fundação	1879
Restauros e adaptação.	1938
Paróquia	1938

[Freguesia civil de S. Sebastião da Pedreira]

Breve notícia histórica

A igreja de Santo António de Campolide, orago recente, foi construída sobre as bases de uma antiga capela setecentista de Nossa Senhora da Penha, integrada nas casas da Quinta da Torre, de Estêvão Pinto de Moraes Sarmiento, guarda-jóias de D. João V. As casas passaram cerca de 1833 a Nicolau de Abreu Castelo Branco, depois a um seu parente, o poeta João de Lemos, que foi quem as vendeu, com a capela, em 1858, ao Padre Carlos Radmaker, fundador do Colégio de Campolide, dedicado a Maria Santíssima Imaculada, ou Imaculada Conceição, invocação que passou para a capela. Em Dezembro de 1879 foi lançada a primeira pedra da nova igreja, inaugurada em 30 de Abril de 1884. Em 8 de Outubro de 1910 o Colégio foi extinto e o edifício passou para o Estado, por decreto da mesma data, sendo a igreja encerrada e utilizada como depósito da Farmácia Central do Exército.

Para compensar a irmandade de Nossa Senhora do Rosário e Senhor Jesus dos Passos da Via Sacra, da igreja conventual de Santa Joana, desapossada do seu templo e bens em 1924, em 1927 foi-lhe entregue a igreja da Imaculada Conceição, de que só veio a tomar posse em 1938, recomeçando o culto em Maio desse ano. No mês de Outubro imediato foi criada pelo cardeal patriarca D. Manuel Cerejeira, em área desmembrada da de S. Sebastião da Pedreira, a paróquia de Santo António de Campolide, cuja sede se instalou na igreja do antigo Colégio, que dos Jesuítas fora, a qual mudou o seu orago para o do Santo padroeiro de Lisboa. A igreja recebeu então obras de restauro e de adaptação.

INVENTÁRIO

O acesso à igreja faz-se por uma das entradas da parada exterior do Quartel do Batalhão de Caçadores n.º 5, à travessa de Estêvão Pinto, em Campolide. Está orientada a Norte.

Exterior

A **Frontaria** nada tem de assinalável. No corpo único, dividido por duas pilastras abre-se:

O **portal**, com ombreiras de cantaria e frontão curvo. Por cima grande óculo iluminante de coro.

Interior

O igreja de Campolide não apresenta materiais ricos que a enobreçam e distingue-se apenas pelo aspecto geral comum às construções jesuíticas do século XVI, de que são paradigmas o «Jesú», de Roma e a «Sé-Nova» de Coimbra.

O **Corpo**, de nave única, e nele:

O **tecto** em arco, revestido de estuque liso com fingidos (emblemas litúrgicos e quadrelas);

O **coro**, assentando em arcos de volta inteira que se apoiam no primeiro entablamento e em duas colunas baixas, com capitéis de cabeças de anjo. Guarnição de balaustres;

O revestimento das paredes de estuque pintado e polido (maçame), imitando mármore, nas quais se abrem por lado três arcos com ornatos de fingidos, que dão para outras tantas *capelas* comunicantes entre si;

Três *tribunas* por lado, também comunicantes, formando galeria, com balaustrada de madeira;

Oito janelas de iluminação, duas entaipadas e as restantes guanecidas de vidros de cor.

A **Capela-mor**, para além de uma teia de madeira com balaustres, e nela:

O **tecto**, do mesmo género do da nave;

Duas grandes *tribunas* laterais, de arco abatido, com varandas e grade de madeira; paredes estucadas imitando mármore da Arrábida; óculos de iluminação e um sobre o altar-mor encimado por coroa real;

O **altar-mor**, de contextura original (um tanto no género do da igreja da Boa Hora): retábulo com duas ordens de nichos (na inferior, no do meio a imagem do orago, na superior, o central formando camarim ornado de pilastras jónicas, frontão e tímpano, com alto-relevo: Eucaristia).

(Todas as imagens, paramentos e ornamentos são modernos e sem qualquer valor artístico. O recheio jesuítico desapareceu com a profanação da igreja em Outubro de 1910, não se sabendo ao certo, sequer, do paradeiro da imagem do antigo orago, Imaculada Conceição, a que se atribuía algum merecimento. Os vitrais dos vãos das capelas são da época da fundação e foram reparados em 1938. O trabalho de marcenaria das balaustradas é apreciado e tido como único em igrejas de Lisboa).

IGREJA DE CAMPOLIDE



Aspecto geral

IGREJA DOS ANJOS



Aspecto geral

IGREJA DOS ANJOS

Século XIX

Fundação 1889
Paróquia 1564 a 1569

[Freguesia civil dos Anjos]

Breve notícia histórica

A igreja paroquial dos Anjos é uma construção do final do século passado, custeada pela Câmara Municipal de Lisboa, e levada a efeito para compensar a demolição que veio a realizar-se, em 1908, da primitiva igreja, situada na rua dos Anjos, no local onde nela se inseria o Regueirão. A demolição impôs-se para abertura da avenida D. Amélia, actual Almirante Reis.

Foi architecto do novo templo o professor José Luís Monteiro, que subordinou o plano da nave e capelas ao da antiga igreja, a fim de se aproveitar e ajustar o recheio sacro e materiais.

A primitiva igreja de «Os Anjos» foi construída no tempo dos reis Filipe II e III de Portugal, no local onde já em 1551 existia uma ermida com aquela invocação, ao fundo do Vale de S. Jordão, que veio a ser o ainda existente Regueirão dos Anjos.

A paróquia foi criada (e na igreja teve sede) em 1563 ou 1564 pelo cardeal-arcebispo D. Henrique em território desanexado do de Santa Justa.

No meiado do século XVIII denominava-se de Nossa Senhora dos Anjos, pela circunstância de nela haver uma confraria com aquela invocação.

As obras da nova igreja, na antiga avenida D. Amélia, começaram em 13 de Fevereiro de 1889, mantendo-se o culto e a paroquial no templo antigo até Janeiro de 1908, instalando-se então numa capela simples, provisória, de madeira, levantada junto da igreja em construção. Em 11 de Março de 1910 efectuou-se a inauguração do novo templo paroquial, mas já a sua posse havia sido dada ao pároco e irmandades em Março de 1908. A conclusão das obras só se verificou em 1911.

INVENTÁRIO

A igreja de «Os Anjos» situa-se do lado Nascente da avenida Almirante Reis, isolada num amplo eirado ajardinado, e orientada a Poente.

Exterior

Quanto ao Exterior anota-se:

A **Frontaria**, em corpo único, de pilstras simples, e nela:

Três *portais*, entre colunas dóricas de mármore rosa, sendo o central mais alto, coroado por tímpano aberto; *balcão* rosa, em cantaria de ornatos, sobre o qual se rasgam três janelas iluminantes, entre acrotérios decorativos, coroadas de áticas; o

frontão, com óculo, e ladeado por acrotérios;

As *fachadas* laterais e posterior, rasgadas de janelas, e servidas por portas travessas correspondentes aos anexos e cartório;

A *torre*, situada no posterior do templo, no mesmo estilo neo-clássico da frontaria, única deste género em Lisboa.

Interior

A igreja dos Anjos reveste-se de semblante seiscentista, rico de talha dourada e aquecido de telas que quase por inteiro cobrem as paredes.

Assinala-se:

O **Corpo da igreja**, em nave única sem transepto, e nele:

O *tecto*, em abobada de arco, formada por sete tramos geométricos com sete quadrelas cada um, todas com fundo de pintura a óleo sobre tela, emoldurada de boa talha, constituindo assim um conjunto de quarenta e nove quadros (factura seiscentista, autor desconhecido, como todos os quadros da igreja), e que representam, com legendas latinas de versículos, cenas do Apocalipse, alegorias à Eucaristia, passos do Novo Testamento, e, nas quadrelas centrais, S. Miguel e outros anjos;

O *coro*, apoiado sobre duas colunas de mármore, com varanda de balaustrada, toda em talha dourada, material que envolve também os quadros e as guarnições das janelas envidraçadas;

Seis *capelas*, três por cada lado, com altares inteiramente guarnecidos de *talha*, de colunas salomónicas duplas recobertas de folhagem, e banquetas de mármore, todas com retábulo ao fundo, e que se discriminam: pela direita (invocações predominantes), de S. Sebastião, com pintura representando o martírio do Santo; de S. Brás, com igual assunto; do Coração de Jesus, cuja pintura de fundo (presentemente oculta) representa a paisagem do Calvário. Pela esquerda, de Santo António, com pintura representando o Santo em extase; de Santo André e Almas, com pintura alusiva à mesma invocação; de Nossa Senhora dos Anjos, cujo fundo representa a Coroação de Nossa Senhora;

Seis *janelas* iluminantes, todas emolduradas de talha;

Teia circundante, de pau-santo, com balaustres.

IGREJA DOS ANJOS



Santo António
(Pintura seiscentista da sacristia)

IGREJA DOS ANJOS



Nossa Senhora da Conceição, imagem atribuída ao final do Século XVI

O *topo* da nave, e nele: uma *capela*, do tipo das laterais da nave, com a invocação de Nossa Senhora da Conceição, situada do lado da Epístola; a antiga capela do Santíssimo, do lado do Evangelho, da qual se conserva apenas a moldura dourada e o cancelo, constituindo uma câmara de passagem para os anexos; o *arco da capela-mor*, revestido de talha, e que fecha com um escudo com as armas dos Condes de Lumiares, que foram padroeiros e senhores da capela-mor; um altar, em *nicho* de talha dourada, ao alto sobre o arco, com varanda, vendo-se nele uma imagem de Cristo crucificado, e ao fundo, quase oculto, um quadro representando S. João Baptista;

Os *quadros* do corpo da igreja, em tela emoldurada de talha dourada, cobrindo inteiramente todos os espaços livres e contornos, e que estão colocados nove em cada uma das paredes laterais, abrangendo o coro, quatro no fundo do coro, três no tecto do subcoro, quatro nas faces do topo, rodeando o arco da capela-mor, e quatro nas paredes do subcoro, aos lados do guarda-vento. Estes trinta e três quadros representam: a «Glória de Nossa Senhora» ou «Nossa Senhora dos Anjos» (tela de pintura posterior às restantes da Igreja), no tecto do subcoro, sobre o vestíbulo de entrada, e S. João Evangelista e S. Francisco de Assis, aos lados no mesmo tecto do subcoro, já dentro da Igreja, e, dessimulados, passos da Vida de Nossa Senhora, passos da Paixão, alegorias à Eucaristia, e vária figuração de anjos e de santos.

A *Capela-mor*, pequena e baixa, em relação ao corpo da igreja, e nela:

O *tecto*, em arco, todo revestido de talha, sem pinturas; o *altar-mor*, em talha mais pobre que a do corpo da igreja, com

colunas salomónicas simples, vendo-se sobre o sacrário a imagem antiga de S. Miguel; dois *quadros*, um por cada lado, representando alegorias à Eucaristia, com legendas latinas.

A *Sacristia*, e nela um pequeno quadro (que parece fragmento de uma tela maior), de factura seiscentista, representando o busto de *Santo António*, em iconografia primitiva e realista, com legenda em maiúsculas na qual se lê apenas: «... obiit, anno 1231, ætat. 3...».

(Algumas imagens da igreja dos Anjos são antigas e de boa escultura, merecendo citar-se uma de Nossa Senhora da Conceição (1589) e outra de Nossa Senhora da Glória, que em tempos esteve no altar-mor).



A fachada néo-clássica da igreja dos Anjos

IGREJA DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA



Aspecto da igreja, visto da capela-mor

IGREJA DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA



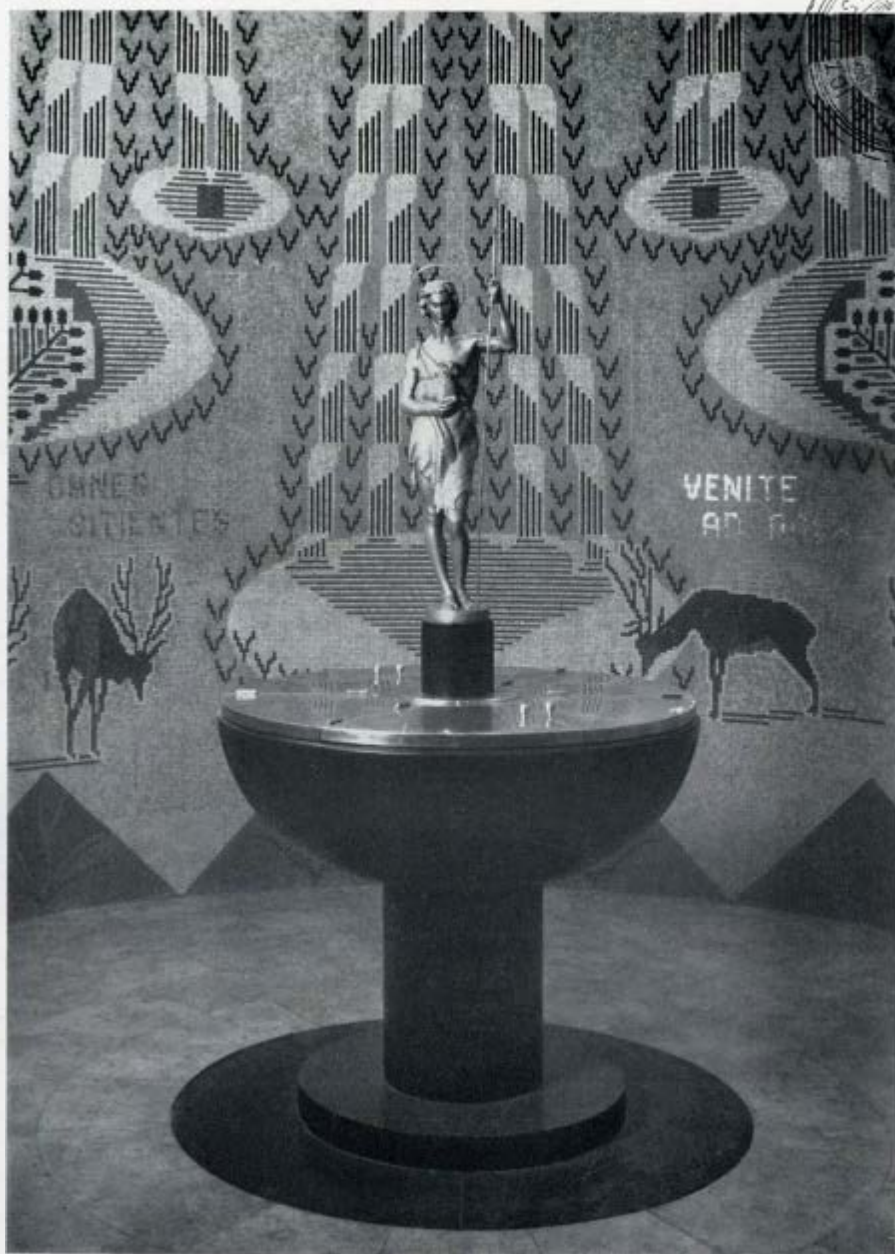
Capela-mor

IGREJA DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA



Fresco do VII passo da Via-Sacra

IGREJA DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA



Baptistério

IGREJA DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

Século XX

Fundação 1934
Paróquia 1938

[Freguesia civil de S. Sebastião da Pedreira]

Breve notícia histórica

A igreja de Nossa Senhora de Fátima, do orago de Nossa Senhora do Rosário, começou a ser construída em 1934 em terrenos adquiridos a particulares, principalmente à família Canas, pela «Sociedade Progresso de Portugal» depois da transacção pela qual o Banco de Portugal adquiriu em Junho de 1933 à arquiconfraria de S. Julião o edificio desta igreja, para ampliação das suas instalações, sendo então aquela Sociedade encarregada de erigir um novo templo, que perdeu o tradicional e tão justificado orago de S. Julião.

O plano da obra — que constituiu em Portugal uma inovação na arte de arquitectura sacra — deve-se a Porfírio Pardal Monteiro, que se fez rodear por artistas da moderna geração, e que teve por colaboradores directos os architectos Rodrigues Lima, Faria da Costa, Fernandes Costa e António Martins, os engenheiros J. Belard da Fonseca e Teixeira Duarte, e o construtor Diamantino Francisco Tojal.

A estrutura do templo é em cimento armado revestido, e se o seu exterior impressiona pela singularidade da fábrica religiosa, o interior mais surpreende pela originalidade da arquitectura e disposição litúrgica, transparecendo do ambiente remotamente gótico de abadia uma religiosidade cálida, na qual a arte moderna ocupa um lugar de relevo e os materiais nobres exercem uma função de austeridade, obtendo-se, desta sorte, uma conjunto racional — um espécime único nos templos do país.

A inauguração da igreja efectuou-se em 13 de Outubro de 1938, com a presença do Cardeal Patriarca e do Presidente da República.

A paróquia de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, desmembrada das de S. Sebastião da Pedreira e dos Santos Reis, foi criada naquele mesmo ano de 1938, tomando posse o primeiro prior, Padre Canastreiro, em 1 de Novembro.

O edificio é propriedade da Arquiconfraria do Santíssimo Sacramento da freguesia de S. Julião.

INVENTÁRIO

A igreja de Nossa Senhora de Fátima, que se situa num vasto eirado ajardinado, murado e rasgado à frente por três cancelas de ferro, entre as avenidas de Berne, Marquês de Tomar, Barbosa du Bocage e rua Poeta Mistral, está orientada a Sul-Nascente.

Exterior

Quanto ao seu Exterior anota-se:

A **Frontaria**, em corpo único de linhas simples, e nela:

O **espaldar** superior, em superfície lisa rasgada por frestas esguias cortadas em triptico, de vitrais;

Uma **imagem**, como em agulha, no alto do cunhal esquerdo, representando a Senhora da Fátima, escultura de António Costa;

Um **friso escultórico**, a toda a largura da fachada, sobre o pórtico e paredes que o ladeiam, representando Cristo e os doze Apóstolos, obra de Francisco Franco;

A **torre**, à direita do corpo da frontaria, altura dupla do edifício, rasgada em três faces por frestas esguias, e rematada pela casa sineira, sem ventanas, com aberturas arredadas, e rematada por cúpula, sobre a qual, na grimpá, assenta um catavento de galo;

O **vestíbulo**, em substituição da clássica galilé, ao cimo de poucos degraus da escadaria, constituindo um pórtico simples ocupando apenas o terço central da largura da frontaria, de pouca altura, revestido de mosaico miúdo combinado, e cuja cobertura é centrada por uma abertura redonda,

iluminante; ao fundo do vestíbulo situa-se o portal do templo, sem guarnição ou remate, e portas laterais que conduzem a pequenos átrios.



Igreja de Fátima — Aspecto geral

Um pequeno **corpo lateral** à direita, correspondendo ao exterior da capela baptismal, rendado, com cúpula de arcos sobrepostos, rasgado por frestas iluminantes de vitral, e encimado por cruz de duas faces;

Um pequeno *corpo lateral*, à esquerda, correspondendo à capela mortuária, em quadrado, com frestas cobertas de rede.

As *duas fachadas* laterais do edifício, rasgadas cada uma por cinco altas frestas estreitas, correspondendo a cinco tra-

mos da nave, e nelas, salientes, os exteriores irregulares das capelas das naves laterais.

A *fachada posterior*, correspondendo ao exterior da capela-mor, em cinco faces, todas revestidas inteiramente de vitrais.

Interior

A igreja de Fátima, no seu Interior, desassemelha-se de qualquer outro templo do país.

Assinala-se:

Dois pequenos *átrios* laterais, comunicantes do pórtico ou vestíbulo, revestidos de mármore raiado de vermelho, cada um com sua fresta de vitral, e que, por sua vez, comunicam com o templo, sem guarda-vento;

O **Corpo da igreja**, todo revestido de mármore de vários tons, o qual pode ser considerado de três naves; e nele:

A *nave central*, sem teia, ocupada totalmente por bancadas, e, nela, a *cobertura* ou abóbada em nove tramos de arcos cimentados ogivais, nus, aparentemente apoiados em grossos pilares revestidos de placas de mármore;

O *coro*, à entrada do templo, e nele: o *balcão*, coberto exteriormente de pintura a fresco, representando a Coroação da Virgem, composição central ladeada por figuras canonizadas e beatificadas do agiologio português, obra de Lino António; o *tríptico-vitral* do fundo, representando a Santíssima Trindade, composição e cartões de J. de Almada Negreiros e execução de Ricardo Leone, artistas autores de todos os outros vitrais da igreja;

Cinco frestas, altas e esguias, iluminantes, por cada lado, com *vitrais subdivididos* em quadrelas, representando a Exaltação da Virgem, com versículos da Salvé-Rainha;

Catorze *pinturas* a fresco, representando os passos da Via Sacra, sete de cada lado da nave central, obra de Henrique Franco.

As *naves laterais*, que não são abrangidas pela cobertura ogival central, e nelas:

A *capela baptismal*, em rotunda, à direita da entrada do templo, e nela: o portão ou *cancelo* de ferro forjado, serralheria de de arte de Júlio Ferry; o revestimento a dois terços da altura, em *mosaico* miúdo, policromo, com ornatos e figuras de veado, obra executada por cartões de Almada Negreiros; sete frestas de vitrais alegóricos abertos em fundo de parede com pinturas a fresco; a pia *baptismal*, em taça de mármore negro de Sintra, e sobre a qual assenta uma *escultura*, em bronze, representando S. João Baptista, obra de Leopoldo de Almeida;

A *capela mortuária*, do lado oposto ao da capela baptismal, e nela uma grande estátua, em mármore branco, bloco inteiro, representando a «Ressurreição de Lázaro», obra de Leopoldo de Almeida;

Três *capelas* em cada nave lateral, todas elas de tipo idêntico, revestidos o pavimento e as paredes de *mármore*, com altar simples em mármore negro, e cujo fundo é constituído por composições sacras de *mosaico* miúdo representando as invocações das capelas; sobre os altares vê-se apenas a imagem, em *escultura* de madeira, figurando os respectivos santos das invocações que são: pela esquerda, capelas de Santo António, Nossa Senhora do Carmo e Coração de Jesus, e pela direita, Santa Teresinha, S. José e Nossa Senhora das Dores;

Seis *candelabros*, suspensos da cobertura, obra de serralheria de Júlio Ferry.

A **Capela-mor**, de cinco faces, e nela:

O *arco*, ogival, decorado com alegorias a fresco, pintura de Lino António; a ima-

gem de Nossa Senhora de Fátima, *escultura* em mármore branco de Leopoldo de Almeida, colocada sob o lado direito do arco; o *altar*, ao centro da capela, isolado, em mármore, cujo trono constitui uma chavola rasgada, e no qual se vê um *Crucifixo*, obra do escultor Barata Feio; o revestimento da capela, em *mármore* à altura do silhar, e todo o envolvimento de vitrais nas cinco faces até às extremidades altas, formando noventa composições figurando santos e anjos; a cobertura, plana, em azul com leves ornatos.

As duas *sacristias*, simples, vendo-se numa delas uma imagem do Senhor dos Passos, com a legenda «Última queda do Salvador do Mundo».

(Nesta igreja não existe talha nem escultura em madeira, ou imagens do tipo português de gesso policromado).



IGREJA DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA



Vitral da casa-mortuária

IGREJA DO SANTO CONDESTÁVEL



O portal do pórtico

IGREJA DO SANTO CONDESTÁVEL



Perspectiva

IGREJA DO SANTO CONDESTÁVEL



Altar-mor

IGREJA DO SANTO CONDESTÁVEL

(PARÓQUIA DO SANTO CONDESTÁVEL)

Século XX

Fundação 1946
Paróquia 1934

[Freguesia civil de Santa Isabel]

Breve notícia histórica

A igreja do Santo Condestável, com traça em forma de cruz latina, cuja construção se concluiu em 1951 em terrenos vizinhos das ruas Saraiva de Carvalho e Francisco Metrass, inspira-se nos templos portugueses da fase final do gótico, o flamejante no seu período embrionário, expressivamente representados em Lisboa pela igreja do Carmo e em Santarém pela da Graça. Mas à parte o fundamental e típico, a igreja do Santo Condestável afasta-se nos pormenores mínimos dos seus modelos, de que conserva porém, e inteiramente, a espiritualidade. Todo o edifício se assinala pela simplicidade e pela alvura, onde sobressai num contraste feliz o granito de Sintra. Há um misto de nobreza e de humildade na aliança dos paramentos de simples reboco branco com as cantarias cinzentas, trabalhadas a pico fino. Templo erguido a um dos maiores de Portugal, recorreu-se para a execução da estrutura ao processo tão português da alvenaria de pedra e cal.

A autoria da igreja pertence ao arquitecto Vasco de Moraes Palmeiro (Regaleira) que teve como colaboradores na parte ornamental os escultores Leopoldo de Almeida, Veloso da Costa e Soares Branco, e os pintores José de Almada Negreiros, Portela Júnior e Joaquim Reboco, e na construção o engenheiro Santos Fernandes e Mestre Cipriano. Os trabalhos de serralharia artística foram executados pela Serralharia Artística do Corvo.

Dirigiu administrativamente a erecção do edifício uma comissão designada pelo Patriarca de Lisboa e de que fizeram parte o falecido Prior P.^o Francisco Maria da Silva, o Marquês de Abrantes, o arquitecto Regaleira e Alberto Portugal da Silveira. A Comissão de Honra pertenceram, entre outros, S. A. a Infanta D. Felipa de Bragança, e o Ministro da Defesa, coronel Santos Costa.

A inauguração do templo teve lugar em 14 de Agosto de 1951, aniversário de Aljubarrota, com a presença do Chefe do Estado, do Cardeal-Patriarca e do Presidente do Conselho, Prof. Dr. Oliveira Salazar. A urna, com as relíquias de Nun'Alvares, foi então trazida num armão de artilharia, com escolta de honra, da capela da Venerável Ordem Terceira do Carmo (onde se guardava desde 1834) para o novo templo, em aparatoso cortejo.

Por decreto patriarcal de 21 de Maio de 1934 foi criada a freguesia eclesiástica do Santo Condestável, começando as funções paroquiais em 8 de Junho imediato. A área da nova freguesia foi constituída à custa das de Alcântara e Santa Isabel. Até 1951 serviu de igreja paroquial a capela setecentista da Senhora das Dores (mais exactamente «do Amor da Virgem Senhora Nossa das Dores») na rua do Patrocínio, construída com material sobejado da edificação da Basilica do Coração de Jesus (Estrela). Funcionou como anexo paroquial a ermida dos Terramotos, na rua do Arco do Carvalho.

INVENTÁRIO

A igreja paroquial do Santo Condestável, moderna mas com reminiscências de ogival, situa-se na encruzilhada das ruas Saraiva de Carvalho e Francisco Metrass, nos limites de Campo de Ourique, e é orientada sensivelmente a Nascente.

Exterior

Quanto ao Exterior, aponta-se:

A **Fachada**, com um corpo central no qual se rasga o grande *pórtico* de arco em ogiva, e duas *torres* simétricas;

O *pórtico* com adro sobrelevado ao nível da praça, ao qual se acede por quatro degraus, dando serventia à *galilé*. Gradeamento de ferro forjado em ponta de lança. Sobre o *pórtico* o *brazão* das Armas Reais de Portugal, tal como se usava no começo da 2.^a Dinastia; empena de sobre-beira dupla em telha de canudo, rematada na grimpá pela cruz heráldica dos Pereiras, de granito;

O *portal* em ogiva chanfrada aberta em frontal de pedra, no estilo gótico flamejante com o escudo de armas dos Pereiras a fazer remate. Cornija com legenda camoneana e sobre ela um grupo escultórico ornamental representando o beato frei Nuno de Santa Maria entre dois Anjos orantes (S. Miguel e o «Anjo de Portugal») (Leopoldo de Almeida). Remate lateral de coruchéus

floreitados. De ambos os lados do portal contrafortes com mísula e baldaquino: à esquerda Nossa Senhora do Carmo, à direita, S. Jorge. Ambas as esculturas da-quele mesmo artista;

Ainda na *galilé*, e nos seus extremos, dois pequenos portais, um de acesso ao *baptistério* (à esquerda) e outro de entrada para as torres;

Duas *torres* de secção quadrada com encostos de granito de Sintra e silhares que prolongadas verticalmente em forma de pilstras terminam fazendo moldura às ventanas; cantoneiras nas esquinas, terminadas por coruchéus, igualmente de granito; a cobertura em grimpá acoruchada, que assenta em sobre-beira dupla de telha portuguesa, rematada airoosamente por pára-raios decorativos (Cruz dos Pereiras). Só a torre Norte (a da direita) tem ventanas sineiras.

As **Fachadas laterais** formam o desdobramento da fachada principal, com os mesmos elementos decorativos, e nelas se

abrem as frestas ogivais e as janelas de moldura flamejante que iluminam as naves laterais e o trifório. Corpos salientes com grandes janelas amaineladas em correspondência ao cruzeiro. Nos tímpanos das portas laterais (a meio corpo e de acesso às dependências) um pelicano esculpido, simbolizando a Caridade.

A **Fachada posterior**, tendo no centro da parede (onde se unem o Presbitério e Patronato) um apoio ou mísula, destinado à estátua de Nossa Senhora de Fátima. Aqueles anexos, nos topos exteriores, estão ligados por muro com janelões com grelhagem de tejo à meia esquadria, e cancelo de ferro forjado, de acesso a pequeno pátio.

Interior

No Interior, assinala-se:

O **Corpo da igreja**, de três naves (a central sobrelevada) e transepto, e nele:

O *tecto* de dois tramos, de falsa abóbada de aresta estucada de branco;

O *coro*, assentando num grande arco central em ogiva abatida e em mais dois laterais, em ogiva perfeita, arcos que se apoiam em pilares lisos de lavores. O coro prolonga-se lateralmente até o *transepto* por duas galerias formando um *trifório* com quatro tribunas por lado;

O *subcoro* com duas portas praticáveis, fechadas por cancelos de ferro forjado, de aspecto simples, mas nobre, que dão entrada ao *Baptistério* e à escada que sobe às torres;

As *naves* separadas por quatro grupos de pilares formando arcada em ogiva, a nave central ocupando toda a altura, as laterais correndo por baixo do trifório. A iluminação das naves laterais é feita por duas frestas de cada lado, com caixilhos de chumbo e vidros de cor. A meio das naves portas laterais, cada qual com sobreporta, nicho e nele imagem de pedra. Em correspondência às frestas das naves cinco jane-

lões com vidraça de cor iluminam as galerias laterais superiores. Dois altares por lado.

Transepto, como a nave central, tendo no topo da asa direita um altar simples formado por pedra disposta horizontalmente em suportes decorados, e banquetta com a imagem (antiga) de Nossa Senhora do Rosário, e tendo por fundo dois vitrais (Almada Negreiros) separados pelo mainel do grande janelão gótico, e alusivos à Anunciação e ao Sagrado Coração de Maria. Na asa oposta altar do Coração de Jesus (escultura de Veloso da Costa) em tudo semelhante, com duplo vitral do mesmo pintor, e que figura aquela invocação e o «Bom Pastor».

A **Capela-mor**, prolongamento da nave central e cujo acesso se faz por um arco chanfrado de ogiva deprimida, iluminada lateralmente por dois pares de janelas de arco de dupla curva, com vidros de cor montados em armadura de chumbo. Todo o fundo é ocupado por grande retábulo de pintura a fresco (Portela e Rebocho) representando a glorificação de Nun'Álvares. O altar é igualmente constituído por pedra assente em colunelos de mármore branco, ficando no frontal a urna (Soares Branco) de mármore negro com as relíquias do orago. Banqueta e sacrário de mármore.

A entrada da capela-mor, do lado do Evangelho, púlpito de calcário com lavores; à direita imagem de vulto (Velooso da Costa) do «Conde-Santo», em hábito de Carmelita.

(Salvo a *Senhora do Rosário*, setecentista, provinda de S. Domingos, e o grande *Crucifixo* do coro, que pertenceu à igreja do Coleginho, as imagens da igreja do Santo Condestável são modernas e representam quatro santos portugueses, Santo António,

Santa Joana Princesa, S. João de Brito e Santa Isabel. São dignos de referência os candelabros de ferro forjado espalhados pelo templo).

[A igreja completa-se com o Presbitério e o Patronato, a que, em projecto, um *claustro* daria solução de continuidade. Seria de traça quadrangular, com fonte central ornamentada por padrão com capitel cúbico, tendo cravada uma cruz de ferro forjado; nas faces laterais do cubo esculpidas as armas de Portugal, dos Pereiras, de Lisboa, e da Ordem de Aviz.]



IGREJA DO SANTO CONDESTÁVEL



Vitral do topo direito do transepto

IGREJA DE S. JOÃO DE DEUS



Aspecio geral

IGREJA DE S. JOÃO DE DEUS



Nave axial

IGREJA DE S. JOÃO DE DEUS



Painel central do retábulo

IGREJA DE S. JOÃO DE DEUS

(PARÓQUIA DE S. JOÃO DE DEUS)

Século XX

Fundação 1951
Paróquia 1953

[Freguesia civil de Arroios]

Breve notícia histórica

Para acorrer às necessidades religiosas dos novos bairros que têm surgido entre as Avenidas Novas e o Areeiro, resolveu o Patriarcado de Lisboa, com o fruto da venda da igreja seiscentista do Socorro (V. Fascículo X, pág. 72) a edificação de um novo templo dedicado ao grande santo português, natural de Montemor-o-Novo, que deu a vida pelos pobres e doentes de Granada, e que é considerado como o iluminado precursor da Psiquiatria, S. João de Deus. A construção teve início quando da celebração do 4.º centenário do seu nascimento, 1951, e a igreja foi aberta ao culto dois anos depois.

Dos templos modernos de Lisboa, que obedecem em planta ao princípio clássico da cruz latina e que mercê das novas técnicas da construção nos aparecem de nave única, que permite maior aglomeração de fiéis, se afasta esta igreja. O arquitecto pôs de parte a planta tradicional e perfilhou o princípio das três naves, mas convergentes na capela-mor, assim se suprimindo os transeptos, prejudiciais à visibilidade do altar, palco único da celebração do Mistério Eucarístico. Desta solução original provieram também oportunidades inesperadas em relação à pequena área de que se dispunha: foi possível dar em superfície um relativo desafogo aos serviços paroquiais anexos, indispensáveis ao espírito actual da Igreja Militante. Sob a nave que constitui o eixo principal do templo rasgou-se uma vasta cripta.

O projecto e a direcção da obra pertencem ao arquitecto António Lino, que teve como principal auxiliar o construtor Diamantino Tojal. A parte escultórica é de Leopoldo de Almeida e de Domingos Soares Branco, a cerâmica do artista Jorge Barradas. A pintura do retábulo é de Domingos Rebelo.

A nova freguesia eclesiástica de S. João de Deus, formada à custa das paróquias de Arroios e do Campo Grande, foi criada por decreto patriarcal de 25 de Fevereiro de 1953.

INVENTÁRIO

A igreja de S. João de Deus é a primeira paroquial da Lisboa moderna nascida para Norte da praça do Chile e para Nascente das chamadas Avenidas Novas, que foram Novas a começar este Século. Situa-se na praça de Londres, por detrás do antigo Bairro Social do Arco do Cego e do liceu D. Felipa de Lencastre, e orienta-se a Levante. Defronte e às ilhargas virá a dispor de um tapete relvado com arbustos. Sendo uma das quatro modernas igrejas de Lisboa, repetimos, não se confunde com qualquer das outras, quer na planta quer nos alçados, característica que é comum, aliás, a qualquer delas.

Exterior

Apontam-se em referência ao Exterior:

A **Frontaria** baixa, em plano avançado sobre a empena do corpo da igreja, com remate em linha quebrada de ângulo aberto, com platibanda saliente em apoio de cachorros. Apostas ao espaldar da fachada, ornamentado de *romãs* (*granadas*), as esculturas de dois *anjos* e sobre o portal a *imagem* do orago (Leopoldo de Almeida). Em segundo plano a empena do corpo da igreja, harmónica com a frontaria, com platibanda também saliente e tendo na grimpá *cruz de ferro* decorada com o disco solar. Portal sobre escadório, em ogiva rebaixada, com duplo arco decorado de flores de romãzeira e cancelo de ferro forjado, dando acesso à galilé;

As *torres*, uma de cada lado da frontaria, de linhas simples, esguias, com sineiras, ameias e coruchéus. Em cada uma das faces visíveis frestas com vitrais;

As *fachadas* laterais obedecendo ao traçado da frontaria, mas com menor desenvolvimento arquitectónico e sem qualquer ornamento, fora os cancelos de entrada dos vestibulos.

O conjunto das edificações laterais e das traseiras, destinadas a anexos, quase encobre o edifício principal de que se lobriga o *lanternim* exagonal, com frestas de iluminação, o qual cobre a capela-mor e o encontro das três naves.

Interior

A igreja de S. João de Deus apresenta em planta a forma de um triângulo agudo, cujos lados e a bissectriz do respectivo ângulo são as três naves convergentes na capela-mor, vértice desse triângulo.

Apontam-se:

Dois pequenos *átrios* cuja entrada se faz pela galilé ou vestibulo da entrada principal, dando comunicação o da direita à escada do coro e torres, e o da esquerda ao *baptistério*;

Baptistério, pequena capela clara e alegre, em que se anotam o cancelo de ferro forjado; a pia baptismal, sem qualquer adorno e em forma de cálice românico; o *painel* de cerâmica policroma (Jorge Baradas) e em relevo, representando Cristo e o Precursor;

O *coro*, à entrada do templo, assente em três arcos de ogiva que arracam de pilstras atarracadas, de secção quadrangular e chanfradas, e correspondendo cada vão a uma porta do vestíbulo. Balaustrada de madeira. Nota-se em especial, no coro, um grande Crucifixo.

Corpo da igreja e nele a *nave axial*, com tecto de falsa abóbada estucada, com cinco tramos de arcos de cantaria assentes em pilstras e consolos. Paredes forradas de cantaria a pico fino, formando silhar, e daí para cima paramentos a óleo. Nos três vãos do corpo, assim como no entre-tramo correspondente ao coro, quatro grandes frestas por lado, com armação de chumbo e quadriculado de vidros violeta e amarelo. Entre pilstras, em mísulas decorativas, as imagens de Santa Isabel e S. José, do lado da Epístola, de S. João Bosco e Nossa Senhora da Conceição, da parte do Evangelho.

Naves secundárias, convergentes na abertura da capela-mor, com abóbada de quatro tramos e três frestas de ambos os lados, e no mais idênticas à nave axial. No topo e ponto de junção das naves, passagens por arcos em flecha permitindo comunicação. Tal como em a nave que forma o eixo do templo veneram-se em mísulas as imagens de S. João de Brito e Nossa Senhora das Dores, Santa Filomena e Santo António (nave direita) e as de S. Luís Gonzaga e Santa Maria Goretti, Santa Teresa de Lisieux e Nossa Senhora do Socorro (nave esquerda).

Capela-mor, formando o prolongamento das três naves e de modo a que os três *painéis* que formam o retábulo sejam, cada um, o topo de uma delas. Três arcos de ogiva em aresta, dão a solução de continuidade das naves à capela-mor.

Coroa o exágono formado pelas paredes da capela-mor e pelos topos das naves um *lanternim* de iluminação, sextavado, onde se lê: «Per Christum cum Christo et in Christo Deo Patri Omnipotenti omnis Honor et Gloria». Altar e banquetta de mármore negro, veiado, e camarim de exposição, com baldaquino. Fecha a capela-mor teia de madeira com pilstras e almofadas. O *retábulo*, de três faces, como três tábuas de políptico, assentes em outros tantos vãos de arco, representa a morte e a assunção do orago (painel central) e cenas da sua vida (painéis laterais). Obra valiosa de pintura decorativa, rica de luz e cor, forte no desenho das figuras (Domingos Rebelo).

De ambos os lados da capela-mor, em consolos, as imagens do Sagrado Coração de Jesus, à esquerda, e do Sagrado Coração de Maria, à direita.

[Integradas no edifício, mas absolutamente independentes da igreja propriamente dita, as capelas mortuária e de Nossa Senhora de Fátima. Num pequeno pátio interior, com arcadas de vidraça, o monumento comemorativo do centenário da proclamação do dogma da Imaculada Conceição de Maria e do jubileu patriarcal (1954). É um obelisco tendo aposta a *imagem* de Nossa Senhora].



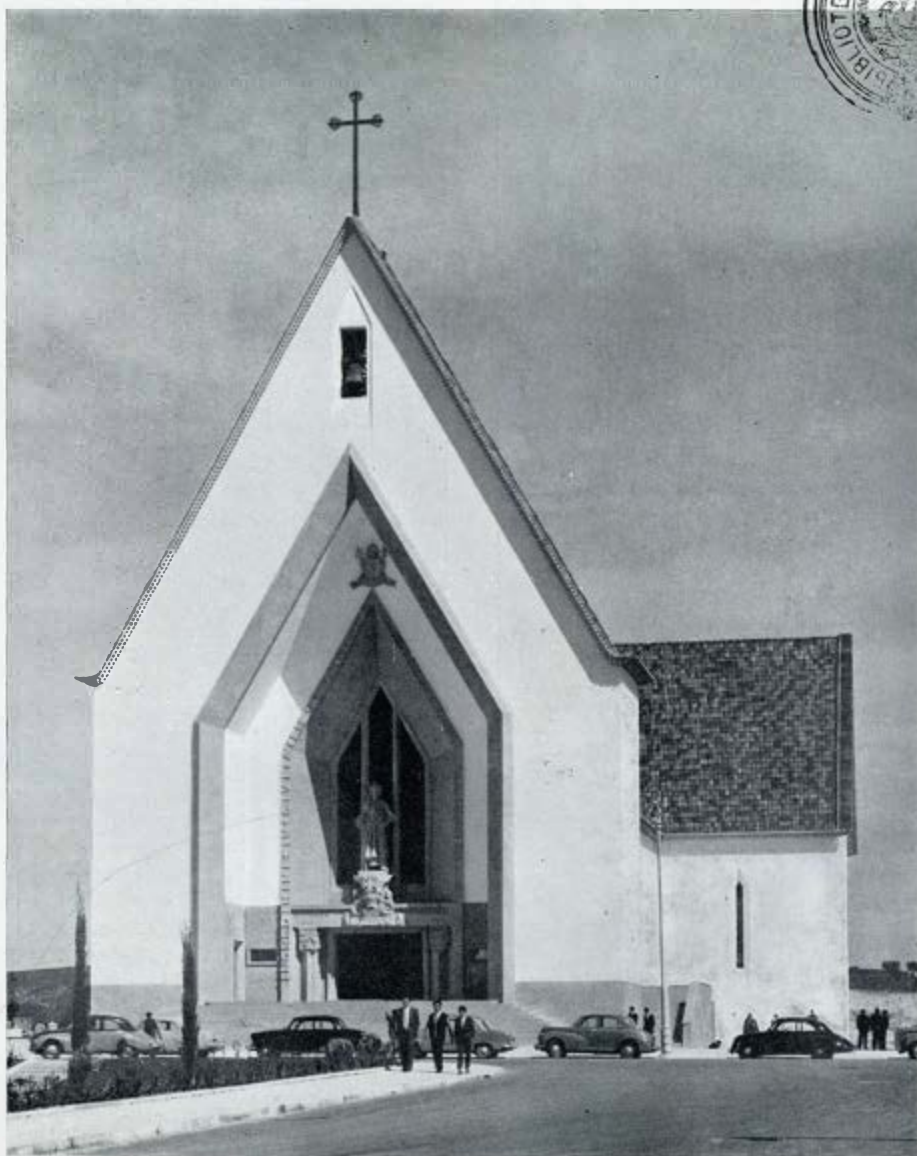
The first part of the paper discusses the importance of the study of the history of the United States. It is argued that the study of history is essential for a full understanding of the present. The second part of the paper discusses the importance of the study of the history of the United States. It is argued that the study of history is essential for a full understanding of the present. The third part of the paper discusses the importance of the study of the history of the United States. It is argued that the study of history is essential for a full understanding of the present. The fourth part of the paper discusses the importance of the study of the history of the United States. It is argued that the study of history is essential for a full understanding of the present. The fifth part of the paper discusses the importance of the study of the history of the United States. It is argued that the study of history is essential for a full understanding of the present. The sixth part of the paper discusses the importance of the study of the history of the United States. It is argued that the study of history is essential for a full understanding of the present. The seventh part of the paper discusses the importance of the study of the history of the United States. It is argued that the study of history is essential for a full understanding of the present. The eighth part of the paper discusses the importance of the study of the history of the United States. It is argued that the study of history is essential for a full understanding of the present. The ninth part of the paper discusses the importance of the study of the history of the United States. It is argued that the study of history is essential for a full understanding of the present. The tenth part of the paper discusses the importance of the study of the history of the United States. It is argued that the study of history is essential for a full understanding of the present.

IGREJA DE S. JOÃO DE DEUS



Painéis laterais do retábulo

IGREJA DE S. JOÃO DE BRITO



Fachada

IGREJA DE S. JOÃO DE BRITO



Pórtico

IGREJA DE S. JOÃO DE BRITO



Altar-mor

IGREJA DE S. JOÃO DE BRITO

(PARÓQUIA DE S. JOÃO DE BRITO)

Século XX

Fundação 1952
Paróquia 1955

[Freguesia civil do Campo Grande]

Breve notícia histórica

A igreja da Conceição Nova, edificada entre 1679 e 1730, ruiu com o Terramoto; a sua reedificação, no cruzamento das ruas Nova do Almada e da Conceição, com fachada voltada a Poente para a íngreme calçada de S. Francisco, durou nove anos. Pouco mais teve de século e meio de existência, pois que em 1951 foi vendida a uma empresa particular que a demoliu para no local construir um prédio destinado a fins comerciais. Com o fruto da transacção o Patriarcado edificou a actual paróquia de S. João de Brito, cuja construção se iniciou no ano imediato e terminou em 1955.

O decreto patriarcal que instituiu, à custa das freguesias eclesiásticas do Campo Grande e de Arroios, a nova paróquia, datado de 15 de Setembro de 1955, resolveu o problema religioso do vasto e densamente povoado bairro de Alvalade. Parte do arranjo interno do templo foi condicionado pelo aproveitamento de altares e cantarias da demolida igreja da Conceição Nova; a solução arquitectónica vertical que se imprimiu ao edifício foi imposta pelo enquadramento urbano e por se pretender vincar a presença da igreja no topo da artéria axial do bairro; o grande desnível nas trazeiras da construção permitiu distribuir por andares sucessivos, sob a nave e a capela-mor, uma série de serviços necessários à vida da paróquia (Salão paroquial, casa mortuária e dependências da Acção Católica e das Conferências de S. Vicente de Paulo, residências do pároco e dos coadjutores, lactário, posto médico e escola).

O aspecto da igreja, de empena muito pronunciada, é original e inconfundível. Predominam no traçado das janelas a forma lanceolada do gótico e o arco em curva e contra-curva. Sóbria de ornamentação, quer no exterior quer no interior, harmonizam-se pelo contraste a brancura dos paramentos a cal e as cantarias cinzentas de pedra de Sintra.

A edificação começou em 1952 sobre projecto do arquitecto Vasco Regaleira, foi dirigida pelos engenheiros Pinheiro da Silva e Marques da Silva, e pelo construtor Diamantino Tojal. A parte decorativa pertence aos escultores-estatuários Maria Amélia Carvalheiro da Silva e Joaquim Correia.

INVENTÁRIO

S. João de Brito está implantada no eixo da avenida da Igreja e ao fundo do largo Frei Heitor Pinto. É orientada a Poente.

Exterior

Quanto ao exterior aponta-se:

A **Fachada**, de corpo único, no qual se abre, recolhido, o *pórtico*, entre dois corpos à face, o do baptistério, à esquerda, e o da escada de acesso ao coro, à direita, com portas independentes. O remate da empena com sineira, cruz e beiral tríplice de telha de canudo. O acesso ao *pórtico* é feito por treze degraus. O *portal*, vasado, com arquitrave apoiada em pilastras de sector quadrado e ábaco com os *escudos de Lisboa e de Portugal*. Insculpido na arquitrave o lereiro «S. JOANNES DE BRITO 1647-1693». Sobre ela o braço dos Britos e a imagem do orago (Joaquim Correia) à qual faz fundo uma grande janela de iluminação, amainelada. Emoldura a composição escultórica, formando faixa, o dístico *INGREDIMINI IN CIVITATEM DOMINI ÆDIFICATA EST*

VOBIS ECCLESIA NOVA, ao qual se sobrepõem as armas pontificias.

As **Fachadas laterais** com escadaria e terraço de acesso, obedecendo no traçado à planta em cruz latina, com frestas, cinco por lado no corpo da igreja, chanfradas e sem qualquer ornato. No *cruzeiro* grandes janelões de topo, de três vãos, em ogiva estilizada. A *capela-mor* com janelas de iluminação em arco de curva e contra-curva. As *dependências* que se distribuem em dois andares por baixo do transepto e da capela-mor, com paredes de ressaltos, assente em cachorrada, e janelas também com moldura de arco composto e portadas exteriores, de rótulas.

A **Fachada posterior**, no morro eminente ao ponto de junção das avenidas Santa Joana Princesa e D. Rodrigo da Cunha, forma o nexo das fachadas laterais.

Interior

A igreja de S. João de Brito apresenta em planta a forma de uma cruz latina e é de uma só nave. É das mais vastas de Lisboa e com condições acústicas singulares.

No interior aponta-se:

O **Corpo da igreja** e o transepto, e naquele:

O *tecto*, de falsa abóbada de estuque, sem qualquer ornato ou pintura;

O *coro* assente em verga direita, ficando no *sub-coro* as entradas para o coro e para o baptistério. Na cortina que serve de

guarda e parapeito ao coro *medalhão de jaspe* com a imagem da Virgem, em relevo, proveniente da antiga igreja da Conceição Nova. O *Baptistério*, pequena capela quadrangular, de paredes branqueadas a cal, assinalando-se o *fresco* simbólico do baptismo de Cristo, pintura de cores suaves e delineamentos diáfanos no plano de fundo, a contrastar com a nitidez das figuras centrais (Portela Júnior).

A *nave única*, acompanhada lateralmente por passagens que se abrem entre pilastras, formando arcada, e a parede exterior, esta forrada de azulejos policromos no estilo mariano. As pilastras, em que assenta aparentemente o esforço da abóbada, apresentam os arranques vasados a servir de moldura às frestas da nave. Forro de azulejo verde metálico com filetes de cerâmica dourada. Sob as frestas a representação dos Passos na forma de Anjos, de cerâmica colorida (Maria Amélia Carvalheiro da Silva).

O *transepto*, tendo nos topos, como fundo dos dois altares (Coração de Jesus, do lado do Evangelho, Senhora de Fátima, do lado da Epístola) os grandes janelões de três folhas. Os altares são formados pela pedra de ara, assente em colunelos e retábulo do século XVIII. Nas asas do transepto, mas voltadas à nave, duas *portas* com molduras de jaspe ricamente trabalhadas, de proveniência da antiga igreja da Baixa. A abóbada do cruzeiro é

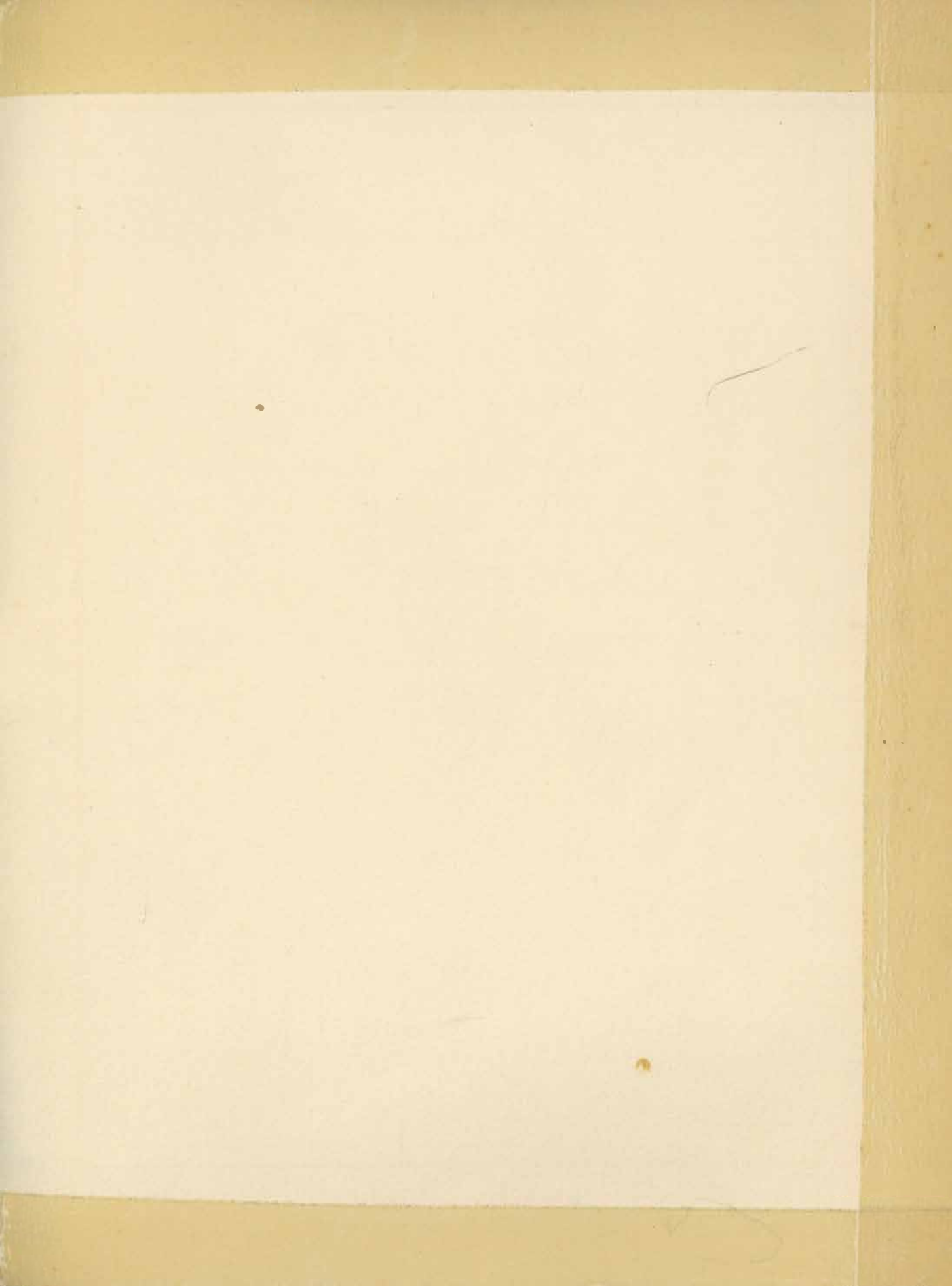
em aresta, de três gomos, formando a ligação das abóbadas da nave, do transepto e da capela-mor.

Capela-mor com esboço de arco triunfal em ogiva e rodapé de azulejo idêntico ao do corpo da igreja. *Retábulo* de colunas coríntias com frontão interrompido e figuração simbólica do Espírito Santo, moldura de jaspe e mármore trabalhados em festões e grinaldas, e camarim de exposição, retábulo que foi o da capela-mor da Conceição Nova, bem como a banqueta e o altar. Ladeiam-no as imagens de S. João de Brito e de *Nossa Senhora da Conceição*, esta última venerada no demolido templo pom-balino, e encima-o um Crucifixo, também antigo. Duas portas por lado, com vergas e ombreiras igualmente antigas. A entrada da capela-mor dois púlpitos com balaustres de ferro trabalhado e dourado.

[Na casa mortuária merecem referência o lindo altar com retábulo setecentista e o emolduramento das portas, recuperados da antiga paróquia. Todas as imagens modernas são da escultora Maria Amélia Carvalheiro da Silva].



COMPOSTO E IMPRESSO
NAS OFICINAS GRÁFICAS
DA C. M. L.





0316365



INVENTARIO DE LISBOA

P R E Ç O
1 2 \$ 5 0